

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Programa de Pós-Graduação em Artes**



**Trabalho de conclusão de curso**

**Jogos e brincadeiras das crianças na perspectiva da performance**

**Vanessa Martins da Silva**

PELOTAS, 2021

**Vanessa Martins da Silva**

**Jogos e brincadeiras das crianças na perspectiva da performance**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação em Artes do Centro de  
Artes da Universidade Federal de  
Pelotas, como requisito parcial à  
obtenção do título de Especialista  
em Artes.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Fonseca Falkembach

Pelotas, 2021

Vanessa Martins da Silva

Jogos e brincadeiras das crianças na perspectiva da performance

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do título de Especialista em Artes, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 04/08/2021.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Maria Fonseca Falkembach (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Nádia da Cruz Senna

Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo

Prof. Dra. Luciana Athayde Paz

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Agradecimentos**

A Deus, por me sustentar e dar forças, conceder saúde e coragem para seguir os meus sonhos.

A Nossa Senhora de Guadalupe que me ilumina e me dá proteção divina.

A minha mãe Terezinha e ao meu pai Airton, por acreditarem em mim, me ajudarem em todos os momentos de minha vida, sem deixar faltar amor, carinho e compreensão.

Ao meu namorado Marco Antonio, por ser paciente comigo nos momentos de preocupação, de incertezas e sobre tudo acreditar no meu potencial para realização desse trabalho.

A minha orientadora que foi quem me apresentou a performance e contribuiu incansavelmente para que esse trabalho fosse possível.

A minha Espoleta, que com suas lambidas me proporcionava momentos de descanso, trazendo alegria aos meus dias mais cinzentos.

Aos meus amigos que torcem por mim, acompanham o meu crescimento pessoal, e me acolhem em todos os momentos.

A minha dinda, que fez com que eu desenvolvesse o amor pelas artes.

Aos mestres, que me proporcionaram conhecimento e bons momentos de troca de experiências.

Obrigada.

## Resumo

SILVA, Vanessa Martins da. **Jogos e brincadeiras das crianças na perspectiva da performance**. 2021. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O presente trabalho é resultado da reflexão sobre brincadeiras e jogos desenvolvidos em uma oficina de teatro realizada em 2013, em uma instituição de educação infantil privada. A oficina é analisada pela perspectiva dos Estudos da Performance, ao entender as brincadeiras e jogos como manifestações performáticas infantis. Este estudo observa como o corpo se comporta nessas práticas no contexto escolar, analisando alguns elementos da performance. Investiga de que forma as memórias, comportamentos sociais e a imaginação aparecem na performance das crianças. A metodologia de estudo usada foi uma combinação entre pesquisa-ação e autoetnografia, com a utilização de um diário de campo e do aporte de artigos sobre performance na educação, o jogo e a brincadeira. Identifica que a performance nos coloca como sujeito da ação, tornando-nos espontâneos, criativos e autênticos, contribuindo para a construção de nossas relações sociais, nossa forma de ser e ver a vida.

Palavras-chaves: Brincadeira. Jogo. Performance. Educação. Teatro.

## **Abstract**

SILVA, Vanessa Martins da. **Children's game and play from the perspective of performance**. 2021. 58f Concluding Course (Specialization in Arts) - Graduate Program in Arts, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

This work is the result of reflection on play and games developed in a theater workshop held in 2013, in a private early childhood education institution. The workshop is analyzed from the perspective of Performance Studies, to understand the play and games as children's performance manifestations. This study observes how the body behaves in these practices in the school context, analyzing some elements of performance. Investigate how memories, social behaviors, and imagination appear in children's performance. The study methodology used was a combination between action-research and autoethnography, with the use of a field diary and the contribution of articles on performance in education, game and play. It identifies that performance places us as the subject of action, becoming spontaneous, creative and authentic, contributing to the construction of our social relations, our way of being and seeing life.

Keywords: Play. Game. Performance. Education. Theater.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>1. O jogo e a brincadeira como performance.....</b>	<b>13</b>
1.1 Espaço-paralelo.....	13
1.2 Organização dos corpos.....	19
1.3 Socialização.....	21
1.4 Imersão nos valores culturais.....	25
1.5 Criação de novas estratégias.....	28
<b>2. O jogo dramático como performance.....</b>	<b>32</b>
2.1 Como se fosse.....	32
2.2 Fazer e mostrar.....	35
2.3 Experiências com personagens.....	39
2.4 As interações sociais na performance.....	43
<b>Conclusão.....</b>	<b>52</b>
<b>Referências.....</b>	<b>55</b>
<b>Apendicês.....</b>	<b>58</b>

## **Introdução**

Essa pesquisa nasce da minha necessidade de investigar os processos criativos de desenvolvimento social e intelectual das crianças. Por meio de práticas teatrais, com jogos e brincadeiras, pude observar a potência do lúdico e da arte no processo de autoconhecimento e identidade infantil.

No meu Trabalho de Conclusão de Curso em Teatro - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas, realizado em 2011, trabalhei a pesquisa com base na minha prática durante o estágio no Ensino Fundamental, investigando como se dava a formação das crianças por meio dos jogos dramáticos e teatrais, e o que essas práticas traziam de evolução, aprendizado e conhecimento. Com esse trabalho concluído, anos depois, em 2013, na cidade de Pelotas, desenvolvi um projeto de teatro nas escolas, onde pude seguir aprendendo e investigando as formas de saberes advindas de brincadeiras e jogos.

O presente estudo é uma análise de uma experiência vivenciada em 2013, em uma escola de educação infantil da rede privada, com formato de oficinas, uma vez por semana. Cada turma tinha 30 minutos semanais de oficina, sendo quatro turmas, divididas em Maternal, Jardim 1, Jardim 2 e Pré-escola, com aproximadamente 7 alunos na turma de Maternal, e em torno de 25 a 30 alunos nas turmas de Jardim 1 e 2 e Pré-escola.

Para cada faixa etária era pensado um tipo de atividade que as crianças conseguissem participar de alguma forma. Na turma do Maternal desenvolvi um trabalho voltado à imaginação através de histórias infantis, músicas e objetos. As nossas conversas e interações sempre tinham como pano de fundo uma história, com identificação dos personagens, suas características, as cores de suas vestimentas, os sons que eles produziam.

Com as turmas de Jardim 1 e 2 e a Pré-escola, as atividades eram voltadas aos jogos, brincadeiras e jogos dramáticos. Trabalhamos vários aspectos como: consciência corporal, sensibilidade, imaginação, espontaneidade e criatividade.



No estudo faço uma reflexão sobre as práticas que foram realizadas nessas aulas, buscando entender essas manifestações durante o brincar e jogar como manifestações performáticas. A ideia nasceu após participar, no ano de 2020, da disciplina de pós-graduação denominada Processos de Criação em Artes Performativas, ministrada pela professora e minha orientadora Maria Falkembach. Esta viabilizou a minha compreensão de que podemos entender os eventos do nosso cotidiano “como performance”, pois é uma forma de observá-los, de interagir com o mundo, de sentir, de transformar os objetos em outras propostas, expandir o olhar e ir para a ação. Conforme Richard Schechner, um dos fundadores do Departamento de Estudos da Performance na Universidade de Nova York, “Qualquer comportamento, evento, ação, ou coisa pode ser estudada ‘enquanto’ performance” (SCHECHNER, 2006, p.42).

Para compreendermos eventos enquanto performance, Schechner explica que devemos entender o ato de “realizar performance” em relação a quatro ações: sendo, fazendo, mostrar fazendo e explicar o “mostrar fazendo”.

“Sendo” é a nossa própria existência. “Fazendo” é a atividade de todos que existem. “Mostrar fazendo” desempenhar algo, exibir fazendo. “Explicar “mostrar fazendo”” é a reflexão de ver o mundo enquanto performance e compreender o mundo da performance (SCHECHNER, 2006, p. 29).

De acordo com os elementos da performance apresentados por Schechner, podemos observar o mundo e as ações cotidianas dos seres humanos enquanto eventos performáticos, na qual essas ações são assistidas por outras pessoas e podem sofrer interferências de quem observa.

Entender que a performance nos proporciona a liberdade de fazer e mostrar o que está sendo feito, na presença de outras pessoas, sem a necessidade de uma apresentação, foi o que me cativou e me fez ver as manifestações infantis como performances. “A performance não está ‘em’ nada, mas ‘entre’. Deixe-me explicar. Um ator da vida cotidiana, em um ritual, em uma ação, ou em uma arte performática faz/mostra algo – executa uma ação” (SCHECHNER, 2006, p.31).

Nesta pesquisa, estudo e analiso jogos e brincadeiras, o jogo dramático infantil, improvisações de cenas, da fábula e da representação, com a lente para a perspectiva dos Estudos da Performance. Para isso, entendo os eventos do

cotidiano e as manifestações das crianças em suas atividades *enquanto* performance, a partir do meu olhar e de minhas impressões durante esse trabalho com as crianças.

Luciana Paz apresenta a diferença entre performance artística e performance cultural em sua tese. A performance artística é uma obra artística, em que o performer faz/vive ações, a partir de programas performativos (FABIÃO, 2013), para disparar afetos, ou seja, para afetar as pessoas que presentificam essas ações. Assim como, nos relata Luciana,

As ações dos *performers*, ainda que não sejam previamente ensaiadas, são calculadas e elaboradas conceitualmente a fim de suscitar algo nas pessoas afetadas pela ação. Há em toda performance, quando artística, uma intencionalidade, na maior parte das vezes, de suspender ou profanar aquilo que socialmente já está naturalizado, disposto como uma verdade (PAZ, 2020, p.15).

Conforme a autora, a performance cultural,

dedica-se a estudar as múltiplas *cenas* do mundo contemporâneo *como* performance, por meio da inter e da transdisciplinariedade. Assim, o campo dos Estudos da Performance não se restringe somente às manifestações artísticas, como objeto de estudo, mas igualmente a [...] ritos cerimoniais humanos e animais, seculares e sagrados; representação e jogos; performances da vida cotidiana; papéis da vida familiar, social e profissional; ação política, demonstrações, campanhas eleitorais e modos de governo, esportes e outros entretenimentos populares; psicoterapias dialógicas e orientadas sobre o corpo, junto com outras formas de cura (como o xamanismo) os meios de comunicação. O campo não tem limites fixos (SCHECHNER apud PAZ, 2020, p.15).

Neste trabalho, olho para a oficina de teatro por mim ministrada, enquanto performance. Nessa oficina, desenvolvi alguns elementos da linguagem teatral por via de jogos, brincadeiras e jogos dramáticos. Nessas práticas, através de suas interações com objetos, as crianças construíam seus personagens e suas ações.

Observei as ações das crianças como performance no momento em que elas interagem com objetos, criando novos significados para eles ou, quando brincam, usando o “como se fosse” para realizar uma dramatização e caracterizar um personagem. Na performance, assim como na brincadeira, quando manipulamos um objeto ele pode adquirir muitos significados de acordo com as múltiplas formas de manipular e se relacionar com ele.

Esta pesquisa investiga a performance, suas relações com o corpo, formas de saberes que estão no nosso cotidiano, no nosso fazer, principalmente observando a sensibilidade do nosso corpo, ao toque com outros objetos, na interação com os outros corpos e as próprias sensações vindas da imaginação e de ações coletivas ou individuais.

O estudo procura observar como o corpo se comporta durante as atividades escolares e, a partir das reações do corpo, o que aprendemos ao interagir com situações do cotidiano, imaginação, interação social ou com objetos.

Com a pesquisa busco analisar o comportamento das crianças através de suas experiências no brincar/jogar, entendidas como performance, seus processos criativos de aprendizagem e autoconhecimento. O objetivo é apresentar as principais contribuições dessas práticas enquanto saberes que propiciam o conhecimento, através de uma pesquisa bibliográfica e do cruzamento de informações referentes a práticas de jogos/brincadeiras e dos processos de encenação/improvisação, observados através de experiências realizadas em escola infantil em 2013.

A investigação desta pesquisa se pauta na seguinte questão: De que forma as memórias, os comportamentos sociais e a imaginação aparecem nos jogos e brincadeiras das crianças? Para responder esta questão, analiso alguns elementos da performance, tais como: espaço paralelo; centralidade do corpo; comportamento restaurado; fazer e não representar; mostrar o que está fazendo; e, apresentação ao invés de representação. Esses elementos têm por objetivo observar como aparecem durante as interações das crianças com as brincadeiras e jogos.

Para tanto, a metodologia usada foi uma combinação de pesquisa-ação e autoetnografia onde, através do meu diário de campo – aqui chamado de Memorial Infantil –, analisei as atividades das crianças com as brincadeiras e os jogos, entendendo-as como manifestações performáticas. O Memorial Infantil foi construído inicialmente pelos planos de aula, feitos semanalmente, junto com as observações pós-aula. Posteriormente, para utilizá-lo na pesquisa, a partir das minhas memórias, fiz novas anotações que tinha dos encontros com as crianças.

Para essa análise utilizei referências teóricas do campo dos Estudos da Performance, do teatro e da educação. Com a intenção de refletir sobre a performance na educação, o jogo e a brincadeira como atividades que propiciam a imaginação e a memória afetiva/cultural, busquei suporte em alguns teóricos tais como: Gilberto Icle, Richard Schechner, Andréia Lobo, Paola Zordan e Maria Falkembach, entre outros. Como referências para pensar a infância trago alguns autores para fortalecer a minha análise dos comportamentos infantis e das brincadeiras, dentre estes Peter Gray, Peter Slade e Marina Marcondes.

No Primeiro Capítulo serão abordadas as atividades relacionadas a jogos e brincadeiras infantis, com a perspectiva da performance, entendendo os momentos criativos, de imaginação e interação social das crianças como manifestações performáticas de suas memórias sociais e culturais.

No Segundo Capítulo, sobre os jogos dramáticos, procuro mostrar como as crianças, durante seus momentos de faz de conta, através destes jogos, apresentam características encontradas na performance, como o agir como se fosse, a ideia de “apresentação” ao invés de representação, entre outras.

Dessa forma identifico a importância das brincadeiras e dos jogos na construção de seres sociais, os quais permitem que possamos entender os eventos cotidianos enquanto performance, através do faz de conta, da imaginação e das vivências. Todos estes, elementos que são resgatados em forma de memórias nas experiências artísticas, nos proporcionando a construção de uma identidade social autônoma e espontânea.

## **1. O jogo e a brincadeira como performance**

O jogo é uma prática inerente aos seres humanos, que traz grandes contribuições para a área da educação, onde crianças e jovens, além de se divertirem com o jogo, aprendem a conviver, a socializar-se e comunicar-se de outras formas que não somente pela fala. Começam a construir sua identidade pessoal, a partir do convívio e interação com o outro, dos papéis sociais que observam e aprendem na medida em que se relacionam nos ambientes escolares, familiares entre outros.

Neste capítulo apresento alguns elementos dos jogos e brincadeiras que realizei nas oficinas de teatro. Ao analisar esses dados, aproximando de aspectos dos estudos da performance, percebo detalhes no comportamento das crianças como: as suas memórias, comportamentos sociais e a imaginação, que me ajudam a pensar o papel das aulas de teatro na escola e na educação. Os elementos aos quais me refiro neste capítulo são: espaço paralelo, organização dos corpos, socialização, imersão nos valores culturais e criação de novas estratégias.

### **1.1 Espaço paralelo**

O jogo ocupa um tempo e um espaço diferente do cotidiano que estamos acostumados. É como se fosse um tempo-espaço paralelo, que surge por meio da imaginação e da criatividade. Assim como Vanessa Silva nos salienta:

“O jogo se estabelece no intervalo da vida, pelo seu período de tempo, sendo assim, limitado e isolado, por possuir um tempo determinado e um espaço definido. Ele é autônomo e não é uma atividade de ócio, mas uma satisfação social e espaço de relações interpessoais, abordado como um fenômeno cultural” (SILVA, 2011, p.13).

Além disso, quanto mais envolvidos estiverem os jogadores, melhor será essa atividade que exige um trabalho em conjunto. Dessa forma é criado um tempo-espaço no qual o grupo vai tomar decisões, fazer escolhas e dedicar-se a essa atividade.

Vejamos algumas atividades que realizei com as crianças das turmas de Jardim e Pré-escola, nas quais essa ideia de espaço paralelo é evidente:

- *O jogo Chão enfeitado* - Os participantes andam na sala, de preferência descalços, e reagem aos comandos de mudanças de textura e temperaturas do chão.

- *Ocupação do espaço* - O objetivo desse exercício é manter o espaço equilibrado. Ao bater palmas os participantes andam conforme o ritmo e, ao parar, todos ficam imóveis até as palmas sejam reiniciadas. Podem ocorrer comandos para mudar a forma de andar e o ritmo, a fim de preencher melhor os espaços vazios (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.2).

Nesses jogos o trabalho com a noção de espaço paralelo foi fundamental, pois essas brincadeiras exigem que a criança imagine e transforme o espaço. Com essa ideia o corpo pode se relacionar com o espaço de forma ficcional, como se o chão da sala de aula pudesse, por exemplo, adquirir outras formas, transformando-se em um piso com barro, molhado, quente, frio e com desníveis. Essa transformação só é possível através da imaginação e da criação desse faz de conta que acontecesse do espaço paralelo ao espaço real.

Para a performance existe uma característica importante de destacar, que é o espaço liminar, que é próximo do que estou denominando de espaço paralelo, ou espaço da ficção, ou ainda espaço de faz de conta. São esses os termos que identifico que utilizo nas minhas experiências com as crianças. A liminaridade é como um espaço paralelo, o corpo está em transformação, descentralizado e aberto a novas possibilidades.

Conforme Eduardo Nespola a liminaridade é:

[...] um corte transversal na realidade socialmente construída. [...] Na liminaridade, o corpo não é mais um aglutinado cristalizado de componentes territoriais, como nos contextos cotidianos, mas um ponto de passagem, uma singularização contínua, um devir. Torna-se diferente do corpo controlado das situações cotidianas, porque na liminaridade, o corpo dissolve-se a cada instante. Ele torna-se uma sobreposição infinita de planos. No dia a dia, as forças de controle atuam no corpo limitando-o, centralizando-o segundo uma esfera de produção. Na liminaridade o corpo desdobra-se em possibilidades, em devires e fluxos contínuos; o corpo é descentralizado. Não se cristaliza,

ao contrário, flui, perpassa o espaço e é atravessado por múltiplas possibilidades (NESPOLI, 2004, p.35 e 36).

É no espaço liminar que o corpo tem seu momento de liberdade dos contextos cotidianos, das circunstâncias que o limitam. Nesse espaço o corpo está aberto ao novo, é transitório, como se estivesse de passagem naquele momento. Podemos chamá-lo de espaço paralelo, dentro das propostas de jogos e brincadeiras pois, para as crianças, esses outros espaços são criados e acontecem paralelamente aos espaços concretos da sala de aula (fazem parte da vida).

No jogo da ocupação do espaço as crianças tiveram essa experiência de desconstrução do cotidiano, criando novas possibilidades e vivências no espaço. O corpo delas percorreu livremente o espaço da sala de aula, se relacionando com as mudanças de ritmo, de formas de caminhar e de velocidade. Surgiram alguns desafios para que o espaço ficasse equilibrado como, por exemplo, as crianças deviam, além de cuidar os seus movimentos, observar o espaço, os outros corpos nele, a fim de deixá-lo equilibrado, sem deixar espaços vazios e causar colisões entre eles.

O espaço da sala de aula que é composto por mesas, cadeiras, quadro e toda a disposição geográfica que habitualmente conhecemos e frequentamos, não pode ser visto como uma mera disposição e convenção. A imaginação nas aulas de teatro nos faz criar e imaginar outras funções e formas para esses objetos que parecem cumprir uma função só. Na medida em que manipulamos e interagimos com os objetos podemos nos relacionar de formas diferentes, não como objetos passivos, visto que ao nos relacionarmos com eles tomaremos escolhas e decisões.

Conforme comenta Andréa Lobo, sobre as práticas de crianças/professoras na escola, os objetos

Interferem em suas práticas, pois, participam de suas ações e representações desse mesmo espaço. Embora “passivos”, imóveis, esses objetos condicionam as escolhas e as ações dos sujeitos interferindo no processo pedagógico de maneira mais efetiva do que se imagina (LOBO, 2012, p. 132 e 133).

Em boa parte das escolas, as aulas de teatro são realizadas em salas de aula comuns, onde a disposição entre alunos e professores é a frontalidade. Com

isso, nas aulas de teatro temos que inventar um novo cenário, alterando a posição dos móveis e nos relacionando com eles de outras formas, o que implica em uma interação entre tempo e espaço diferentes, fazendo ampliar a nossa criatividade e percepção. A transformação desse espaço, quando das proposições do professor, durante os jogos e brincadeiras e das ações sociais dos alunos que se desafiam para explorar novas possibilidades, acontece através da sua criatividade e imaginação.

O corpo é o centro nessas propostas de exploração e transformação do espaço. A partir dele que todo o resto acontece, ao lidar com os outros corpos que se movem e reagem, um corpo afetando o outro e sendo afetado, os objetos da sala de aula restringindo o espaço e abrindo possibilidades e interação.

A performance propõe para a educação pensar nos corpos mas, pensar com o corpo. A performance não separa o corpo do pensamento, coloca o corpo no centro da atividade educativa de interagir com o outro de fazer e ser a partir da sua própria existência. Como escreve Icle (2013, p. 21), “Performance e educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo. Não há performance sem o olhar do outro, portanto falamos aqui de um corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir”.

Os corpos só existem pois possuem uma relação, ou seja, um afetando o outro. Um corpo em transformação, uma conjunção entre presente e futuro. Em minhas aulas com as crianças pude perceber, durante as brincadeiras, um corpo sendo afetado por outro, as crianças se envolviam na performance dos colegas, seja com uma nova ideia, de *como* fazer aquela ação, ou indo “dialogar” dentro da performance do colega.

No espaço da sala de aula, durante as interações com as outras crianças, começam a surgir memórias corporais de vivências/experiências anteriores que elas tiveram com brincadeiras, interações familiares e com amigos. A lembrança é um recorte no tempo que a criança faz, trazendo memórias e sensações para suas brincadeiras, jogos e imaginação. Com o corpo ela manifesta essas memórias, cultura e aprendizados sociais.

Reforço a minha reflexão através das palavras de Zordan:



Lembrar-se das paisagens é recordar as sensações, pois as sensações, embora dependam do corpo, vivem nas paisagens que o olhar e o som recortam nos espaços onde os corpos se encontram, ou seja, em territórios. Inflexão virtual da paisagem, a sensação funciona como uma perspectiva intensa que atravessa o corpo e o compõem em um espaço (ZORDAN, 2013, p. 176).

O corpo manipula a matéria e é afetado por ela. Também a matéria-corpo pode ser manipulada de muitas formas e criar diversos sentidos. Assim, identifico a liminaridade dos corpos das crianças: ao brincar seus corpos estão em constituição, expostos ao novo, sendo afetados pelos outros corpos e pelas relações entre eles.

Na liminariedade os corpos estão expostos ao novo, em constituição, em transição e são atravessados por múltiplas possibilidades. Da mesma forma, acontece com o espaço paralelo, na qual, o corpo está aberto ao novo e em constante transformação.

Quando falo em espaço paralelo, comparo ao espaço-limiar dizendo que são similares. Então podemos entender o corpo-limiar como corpo-paralelo, que também posso chamar de corpo-ficcional que está relacionado ao faz de conta, ou seja, a ficção.

Essa liminaridade corresponde ao espaço paralelo, em que o corpo tem o desejo de ser outro, que está em busca de novas possibilidades. Que quer ser outro, relativo ao sentido de algo momentâneo, que é almejado naquele espaço/tempo, tornando-o efêmero.

A centralidade do corpo e das sensações na construção de um espaço paralelo, está presente na atividade “A Viagem”, proposta no primeiro encontro com as turmas de Jardim e Pré-escola, descrita no Memorial Infantil:

*A primeira proposta com ênfase na percepção corporal se deu através da imaginação, em uma atividade de relaxamento. A proposta foi envolvê-los em uma ida a praia, criando pouco a pouco uma história e um trajeto desse passeio. Porém cada um em sua imaginação criou a sua ida a praia de forma particular e peculiar, através de suas memórias, vivências e sensações.*

*A trajetória pela praia foi a seguinte:*

*\*sentir o calor;*

*\*areia nos pés;*

*\*brisa do mar;*

*\*as árvores balançando com o vento;*

*\*o vento batendo no rosto;*

*\*as folhas das árvores caindo;*

*\*entrando no mar;*

*\*andando na água;*

*\*sentindo o corpo molhado;*

*\*encontrando amigos;*

*\*saindo do mar e pegando a toalha para secar-se; (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.1).*

Um relato de um menino depois da realização dessa proposta me fez pensar como essas relações do corpo com os diferentes espaços são significativas, as sensações que eles sentem produzem significados e acionam memórias afetivas de experiência vividas. Observamos isso:

*Fala do menino: Resolvi ficar pouco tempo no mar, e aproveitar as folhas que caíram de uma árvore para brincar com os amigos de baixo da sombra.*

*Ele comentou que a areia estava quente e era desconfortável andar nela, mas que gostou de entrar no mar para se refrescar. Logo já voltava com o seu balde cheio de água para continuar fazendo, junto com os seus dois amigos, um buraco para fazer uma piscina na sombra. Segundo ele, na sombra era melhor de ficar (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.2).*

Essas experiências com “A Viagem” me fazem ver o que fizemos *como* performance, onde cada criança na sua imaginação criou suas ações, a partir dos elementos que surgiram no momento criativo, através do comportamento restaurado (SCHECHNER, 2011) de vivências anteriores, de padrões e comportamentos culturais:

O comportamento restaurado, que nada mais é que uma repetição de um comportamento, porém, com novas significações, configurações,

organizações. É um comportamento pela “segunda vez”, que mesmo restaurado se configura com uma repetição (SHECHNER, apud ICLE, 2013, p.18).

As sensações e relações das crianças, estabelecidas com o lugar e os elementos, foram construindo uma narrativa sensorial e emotiva. Nesta, os seus comportamentos carregavam memórias de suas experiências passadas, restauradas e rearranjadas no momento de imaginação durante a brincadeira “A Viagem”.

## **1.2 Organização dos corpos**

Ao lembrar das oficinas, recordo dos corpos em movimento no espaço e entre os espaços dos outros corpos, explorando o espaço da sala de aula, experiência totalmente efêmera. Em sala de aula, esse tipo de pedagogia que tem uma aparência desorganizada e caótica é frequentemente contestada, tendo em vista que a educação tradicional tem base na disciplina. Ou seja, a forma de organizar o conhecimento e de disposição dentro de uma classe escolar deixa os corpos presos às cadeiras. Penso que a desestabilização dos corpos se relaciona com o conhecimento pois, ao desacomodá-los e relacioná-los com os outros corpos, é possível criar algo novo.

Para que essa movimentação, exploração, experiência, não seja vista como “bagunça”, podemos nos aprofundar sobre as pedagogias que a performance nos propõe: de que forma os corpos nos trazem o aprendizado e como aprendemos por meio deles.

Uma maneira de abordar a “bagunça” é por via da teoria do caos como práxis pedagógica:

“Em vez de uma lógica científica tradicional de ‘prever e controlar’, a teoria do caos sugere um modelo experimental alternativo: ‘prepare-se e saia do caminho’ processual” (KILGARD, 2011, p.221). Desta maneira, abandonando as formas tradicionais, as experiências começam por entrar na sala de aula – pensar o espaço, movimentando os móveis, empilhar e criar novos sentidos para

eles. De formas variadas o espaço vai sendo ocupado e desocupado, percebendo as particularidades de cada canto, pensando como transformá-lo e como interagir com ele e o que ele nos sugere.

Pensar a performance é abrir mão de imagens previamente conhecidas, explorando cada experiência e suas particularidades, o espaço, o que contém nele, os corpos, os barulhos, os silêncios. Entendo que não há uma linearidade, uma organização em que as coisas acontecem, mas vejo cada evento como uma experiência ímpar, complexa, imprevisível. Assim como no teatro, no jogo e na sala de aula, mesmo que exista um roteiro/regras/organização, sempre haverá espaço para a improvisação, novas experiências e imprevisibilidade.

Agora observemos a descrição da atividade realizada, denominada moldando o corpo do colega:

*- Moldando o corpo do colega. Em duplas, o participante A vai moldando o corpo do participante B, ao final o colega B, terá que estar de acordo com o que o participante A pretendia e, depois, a dupla troca os papéis (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.5).*

No Memorial Infantil faço uma observação sobre a brincadeira de moldar o corpo do colega:

*Na brincadeira moldando o corpo do colega, observei a forma que os corpos se movimentavam, se encaixando nos contornos que eram passados pela dupla, o contato visual e contato tátil foram importantes nessa atividade, criando uma sintonia e ligação entre os colegas. Perceber o corpo do outro, o espaço que ocupa, suas particularidades, conhecendo e se descobrindo através do outro e de si (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.6).*

Com essa brincadeira, as crianças começam a criar uma consciência corporal, através da percepção do espaço que os corpos ocupam e da forma que eles constroem esse espaço. Com isso, mudavam a estrutura da sala de aula, a posição dos móveis e até a nossa relação com estes móveis: mudanças que suprem a necessidade dos corpos se relacionarem com o espaço. O jogo pode acontecer através da interferência do que está ali (objetos, móveis) e de quais

ações surgem a partir disso, ou seja, ações fruto dessa relação e também das reações dos outros corpos frente a essa cena.

### 1.3 Socialização

Os jogos são atividades que auxiliam na socialização das crianças umas com as outras. Com isso, elas se comunicam dentro da brincadeira criando regras e acordos com os colegas, resolvendo conflitos e trocando experiências.

Vejamos as experiências com o jogo toca do coelho:

*- Toca do coelho - Formam-se grupo de três pessoas. Dois deles, de mãos dadas, são “a toca” e, o terceiro, que fica ao centro, é o “coelho”. Ao ouvir o comando “Troca de coelho”, todos trocam de toca (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.3).*

Nessa atividade a concentração e a percepção do espaço são fundamentais, bem como a observação às regras. Pude perceber como as crianças conseguem combinar regras entre elas, criando novas formas de jogar, explorando o novo e resolvendo os seus conflitos durante o ato de jogar. Essa socialização entre as crianças, as trocas de experiências e saberes, são fundamentais para o seu crescimento pessoal e social. Elas encontram na brincadeira o lugar onde elas negociam as regras, acordos que fazem durante o brincar e resolvem os seus problemas, longe da interferência dos adultos.

A comunicação de criança para criança se dá no contexto da brincadeira:

As crianças pequenas comunicam umas com as outras principalmente no contexto da brincadeira, e o que é comunicado tem significado real. Elas negociam sobre o que farão e como brincam. Discutem as regras. Negociam de forma bastante similar àquela adotada pelos adultos uns com os outros. Isso configura um treino muito melhor para a futura comunicação adulto-adulto do que as conversas que crianças costumeiramente têm com adultos (GRAY, 2017, s.p.).

As crianças se sentem mais abertas para compartilhar situações que acontecem em suas vidas. Longe dos adultos que fariam interferências, tentariam controlar e resolver a situação de uma outra forma, tirando a autonomia e liberdade da criança. Sendo assim, elas longe dos adultos, com seus amigos, vivenciam novas experiências durante o brincar. Dessa forma, conseguem se socializar através da comunicação que se estabelece nos momentos de brincadeiras/performances.

Conforme Gray para brincar é preciso de alguns requisitos:

Para brincar com outra pessoa, você deve estar atento às necessidades dela, não apenas às suas, ou ela vai deixar de brincar. Você precisa superar o narcisismo. Você precisa aprender a dividir. Você precisa aprender a negociar de maneiras que respeitem as ideias do outro, não apenas as suas. Você precisa aprender a afirmar seus interesses e desejos e ao mesmo tempo compreender e tentar chegar a termos com os desejos e vontades do seu colega de brincadeira. Essa pode ser a competência mais importante necessária para os humanos terem uma vida exitosa. Sem tal habilidade, não é possível ter um casamento feliz, amigos verdadeiros ou colegas de trabalho cooperativos (GRAY, 2017, s.p.).

A seguir, descrevo um momento de uma das aulas que evidencia a importância do brincar para a criança e a socialização:

*Com a turma do maternal realizei uma caminhada com balões para que eles se relacionassem com o espaço e interagissem entre os colegas. Como não havia balão para todos, a minha intenção era que eles jogassem com um ou dois colegas, mas isso se tornou uma dificuldade, pois cada um queria ter o seu balão e brincar com ele separadamente (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.3)*

Nesse momento foi importante tentar conversar e ajustar a proposta para conseguir realizar um trabalho interativo, onde um aprende com o outro e contribui para o seu processo individual de autoconhecimento e liberdade pessoal. Entrar dentro da proposta como professora/performer (MACHADO, 2010) foi uma experiência incrível, cheia de sensações, memórias e ações que vinham desse jogar o balão, do misto de cores, dos risos e da energia que saía dos corpos.

No início da realização da atividade, as crianças queriam brincar com os balões, cada uma com o seu. Conduta que naquele momento me pareceu

individualista e egocêntrica. O propósito desta atividade é justamente uma troca dentro de uma brincadeira simples, que pode trazer várias formas de interação social e afetiva entre os participantes.

No entanto, hoje analisando as reações das crianças na brincadeira com os balões, imagino que essa interação do corpo com o balão tenha sido uma experiência nova para muitas delas, por essa razão elas queriam brincar individualmente para sentir o peso, densidade, tamanho e outras características importantes de aprendizagem e experiência durante o brincar.

O ajuste da proposta foi a minha entrada como participante dessa brincadeira, jogando os balões para as crianças e performando junto delas. A atividade que inicialmente estava meio trancada, começou a fluir, alguns ainda continuaram a brincar sozinhos com os seus balões, porém, a maioria começou a interagir comigo e com os outros colegas. A minha sensação durante o brincar/performar foi de entrar em uma dança, me fazendo lembrar de como era quando eu fazia essas atividades com a idade dessas crianças, de como o afeto dos meus colegas e professores foram importantes para a minha vida, mostrando que a sensibilidade e empatia são importantes dentro das relações sociais.

Com a minha participação na brincadeira das crianças, não me coloco como uma adulta ou professora, mas busco atuar como performer/criança. Ao vivenciar essa experiência com elas pude acessar minhas lembranças de quando era criança, que me possibilitaram agir/comportar-me como se eu fosse uma delas.

Conforme nos apresenta Marina Machado, o professor assume o papel de professor narrador/performer.

A maneira de narrar as propositivas da aula, contar histórias, sejam elas inventadas ou com base na literatura, enriqueciam-se muito se o adulto abandonasse seu papel pedagógico estrito senso, por assim dizer, para assumir um papel de professor narrador: um professor performer (ou performer) de sua própria arte e de suas concepções, encarnadas em seu corpo e tornadas visíveis em suas atitudes, condutas, facilidades e dificuldades (MACHADO, 2010, p. 117).

Respeitar o espaço das crianças e o tempo de cada uma é fundamental, pois não somos iguais e nessa singularidade é que criamos a nossa

personalidade. Devemos compreender que as crianças têm tempos diferentes, e que a liberdade de interagir ocorrerá no momento em que elas se sentirem à vontade, sem pressão ou cobrança, fazendo com que elas se sintam acolhidas pelo grupo. Com isso a atividade aconteceu com a minha interferência enquanto performer, através da transmissão dos meus comportamentos que eram reproduzidos pelas crianças, as quais foram interagindo e experienciando suas ações/descobertas.

Segundo Schechner a transmissão de comportamento acontece durante os treinos, ensaios e oficinas pois,

O trabalho de restauração é feito nos ensaios e na transmissão do comportamento do professor para o aprendiz. Entender o que acontece durante o treinamento, os ensaios, as oficinas - investigando o modo subjuntivo que é o meio dessas operações - é a maneira mais segura de relacionar a performance estética ao ritual (SCHECHNER, 2011, p.36).

Acredito que com a minha entrada na brincadeira tenha transmitido, através do meu comportamento, formas de se relacionar e brincar com as crianças, fazendo com que os alunos que não estavam interagindo com os colegas tivessem uma visão de que, justamente essa interação é que tornava a atividade interessante e criativa.

Outra atividade que realizei com a turma de Maternal foi a confecção de máscaras de papel pardo. Cada criança fez a pintura da sua máscara de acordo com o seu gosto pessoal e criatividade.

O desfile com as máscaras, fez com que cada um deles mostrasse a sua criação e, também, o seu jogo com o adereço. A performance das crianças demonstrava os sentimentos delas em situações de exposição, alguns estavam à vontade para mostrar a sua máscara e andavam alegres, descontraídos, faziam poses de passarela como se fossem modelos. Por outro lado, essa exposição para outros não era algo confortável. A performance era tímida, andar cabisbaixo, passos rápidos, como quem quer se livrar daquela situação.

Percebemos que a questão da exposição para as crianças nem sempre é algo tranquilo de lidar, ficar em frente aos seus colegas mostrando algo ou, ainda, se colocar em destaque, dar-se a ver, pode ser uma experiência complexa



(FALKEMBACH, 2017). Os olhares críticos e analíticos dos colegas muitas vezes impregnados com conceitos estéticos e padrões, intimida algumas crianças que ainda não se sentem confiantes para tal atitude.

Ao analisar os comportamentos tímidos e introspectivos das crianças, percebo interpretei naquele momento que as suas manifestações representavam traços da sua personalidade. Com isso, busquei estimular a participação deles, desde que estivessem dispostos a realizar a atividade. Ao olhar novamente, agora como performance, entendo que esse comportamento também revela as relações interpessoais da escola e da sala de aula.

#### **1.4 Imersão nos valores culturais**

Com os jogos percebemos que, através da interação das crianças, começam a aparecer valores culturais, relacionados a comportamento, cultura e a valores sociais.

Em algumas turmas foi realizado O jogo “Costas com costas”:

*O jogo costas com costas é realizado em duplas onde um participante fica de costas para o outro, tentando manter o equilíbrio caminhando, se abaixando e sentando, tudo isso sem o uso das mãos (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.4).*

Essa atividade exigiu concentração e cuidado com os colegas, pois um se equilibrava nas costas do outro enquanto realizavam suas ações. Nessa prática as ações de um implicavam diretamente no corpo do outro, em um jogo de cooperação, envolvimento e confiança. O corpo de um afetando o corpo de outro, e essa interferência fazia com que o jogo de um dependesse do jogo do outro. Assim, essa atividade fez com que o entrosamento e a empatia entre eles surgisse, as conversas entre eles, expondo as dificuldades e desafios de fazer um movimento mais arriscado, era colocado em diálogo.

A experiência das duplas foi mostrando um pouco da cultura de cada criança, algumas foram trazendo um deslocamento mais ritmado, como se fosse aparecendo uma dança, outras mais tímidas percorriam a sala como se

estivessem em um passeio, combinando para qual lado ir, algumas poucas não se comunicavam muito com a dupla e isso ocasionou algumas quedas.

Outra atividade proposta foi:

*- Caminhada em diferentes solos. A caminhada vai ser como se estivessem em diversos solos, tais como: terra, piso frio, piso quente, na lama, na areia, em uma pista de gelo, piso molhado (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p. 4).*

Com “a caminhada em diferentes solos”, as crianças perceberam que esse tipo de atividade precisava de maior cuidado. Usando da imaginação elas teriam que lidar com diferentes tipos de pisos, temperaturas e riscos. Nessa experiência a performance foi movida pelas ações e reações delas durante as adversidades encontradas em cada troca de solo. A interação de uma na performance da outra, os combinados feitos entre elas no momento de jogo, fez com que essa vivência coletiva tenha sido colaborativa, onde um corpo colaborava com o outro durante o fazer. Um exemplo disso, ocorreu quando “a caminhada” proposta foi em piso/solo quente, no qual um menino mostrou para o colega que andando com a ponta dos pés sentiria menos o calor, fazendo com que fortalecessem as relações sociais do grupo, tornando-o mais solidário e empático.

Na atividade proposta o intuito era de ocupar melhor o espaço da sala de aula, trabalhar a percepção corporal, dos seus corpos e dos outros corpos presentes. Para isso, sugeri que se movessem com o que o espaço propõe, tentando ver a disposição da sala de aula de maneira a desacomodar os corpos, movimentá-los e relacioná-los com uma experiência nova.

Atividade proposta:

*- Caminhada com intensidade. Esta caminhada começa lenta e vai aumentando o ritmo com os níveis que vai do 0 ao 10, de lenta a rápida e, depois, o inverso (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.4).*

A proposta, além de fazer com que os corpos interagissem com o espaço, fez com que sua intensidade e formas de caminhar fossem pensadas em um

espaço que tinham outras pessoas realizando essa mesma tarefa. Houve algumas batidas dos corpos e interações como diálogos curtos sobre as percepções das crianças umas com as outras. O comportamento delas era bastante agitado todas queriam ser rápidas e ativas. As crianças que não conseguiam realizar a proposta, escutavam algumas críticas dos colegas durante a atividade. Nesse momento percebo que a criança possui uma ideia pré-concebida/cultural de certo e errado, e usa disso para se promover e vangloriar-se para seus colegas.

Durante as atividades com as crianças apareceram alguns termos em suas falas, classificando os colegas. Denominavam “entendidas” as crianças que se disponibilizavam mais durante as atividades e que eram vistas como colegas melhor instruídas. As “desentendidas”, seriam as que teriam conhecimentos culturais sobre determinado assunto, mas que ignoram isso para se beneficiar ou, até mesmo, não serem punidos por alguma conduta. Sendo assim, as “entendidas” além de compreenderem mais rapidamente as atividades e orientações das brincadeiras, eram as que criticavam os outros colegas, com frases do tipo: não é assim, está muito lento, entre outras.

Os termos “entendidos” e “desentendidos”, eram usados frequentemente pelas crianças durante as atividades com jogo e brincadeiras. Ao fazer esses comentários elas faziam essa classificação crítica dos colegas com relação ao seu desempenho e participação nas atividades.

Assim como as crianças que usavam os termos “entendidos” e “desentendidos”, Rita de Cácia Silva (2010), além de usar esses termos, classifica as crianças por suas faixas etárias, explanando suas diferenças de acordo com a idade. As crianças que começam a aprender no convívio social, as que já possuem um maior convívio e interação com colegas, começam a ter certos conhecimentos e são consideradas como “entendidas”, e as que ignoram ter esses conhecimentos são olhadas como maliciosas.

Em minhas experiências na sala de aula percebia que algumas crianças entre seus 4 a 5 anos de idade, já possuíam certos conhecimentos a partir de suas vivências na própria escola e no convívio familiar. Embora, elas soubessem distinguir o certo e o errado, o bom e o ruim, tinham atitudes maldosas para com

seus colegas, quando repreendidas ou questionadas sobre tal conduta, se faziam de “desentendidas”. Nessa fase das crianças é justamente o momento em que elas começam a aprender os padrões culturais e condutas, sendo assim, cada uma delas pode ter um entendimento sobre o que é certo ou errado, diferente entre eles, o que acaba, por vezes, gerando conflitos entre os alunos por apresentarem distintos comportamentos.

### 1.5 Criação de novas estratégias

Donas de uma criatividade fantástica, quando se trata de regras, as crianças lidam de forma diferente dos adultos. Estes seguem à risca as regras oficiais dos jogos, enquanto que as crianças nem sempre o fazem; durante o brincar elas mudam as regras, combinam entre os amigos outras formas de lidar com os jogos, com os problemas, criando e recriando estratégias, encontrando outros caminhos e desafiando-se ao novo. Esse modo de brincar aparece na prática que descrevo a seguir:

Nas turmas de Jardim e Pré-escola realizamos uma dinâmica com uma música:

*Escravos de Jó – Todos sentados em círculo no chão têm em suas mãos um pequeno objeto. Então é ensinada a música:*

*Os escravos de Jó/ jogavam cachangá/ tira, bota, deixa o Zé Pereira ficar/ guerreiros com guerreiros/ fazem zigue, zigue zá. (bis).*

*Durante a música o professor vai passando instruções de como manipular o objeto, nos diferentes trechos da música (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.6).*

Nessa atividade, em círculo, as crianças foram interagindo com os objetos, criando movimentos junto com a música e, ao longo da brincadeira, elas resolveram levantar e dançar com os colegas. A imagem, vendo esse momento de criação deles, foi de uma performance, cada um interagiu com o seu objeto mostrando suas ações e interferindo na performance do colega. Em meio a dança, elas criavam os acordos, as regras durante o brincar, tais como: dançar sem sair do círculo, poder trocar os objetos com os colegas, inventando formas de lidar com as situações que aconteciam.

Com esse momento de criação percebo que as crianças lidaram com o espaço da sala de aula, transformando-o e subvertendo-o, através da imaginação criando um espaço paralelo ou ficcional, onde elas se conectam por meio da música, dos gestos e das trocas dos objetos. Usando da criatividade para dar novos significados aos objetos, uma girafa de madeira se transforma em telefone, um dado vira em carrinho e uma peça de lego em escova de cabelos.

Com a turma do Maternal foi realizada uma atividade chamada dança criativa. Assim como nas práticas anteriores, as crianças criam suas formas de fazer e gostam de mostrar como estão fazendo, chamando a atenção quando fazem parecido com um colega ou como o professor. Gostam de reproduzir/imitar as interações sociais que observam dentro de suas casas, na escola, e outros espaços de convívio.

*Maternal - Atividade dança criativa com bambolês ou tecido. Cada um dos alunos vai escolher uma fantasia e adereços para se caracterizar, vão interagir uns com os outros junto de bambolês e ao som da música da Xuxa, ilariê. O professor vai fazer alguns gestos com o bambolê orientando está dança (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.9).*

Nessa atividade, durante a dança, as crianças foram criando algumas regras e acordos. Em diálogos curtos direcionados uns aos outros, eles falavam assim: “não pode deixar cair o bambolê, porque aí não vale”, e ainda, “não pode parar de dançar”. Essas conversas entre eles, na busca de novas estratégias, nos mostram que a imaginação e criatividade os ajudam a tornar a brincadeira mais atrativa e interativa.

Entre as crianças existem interesses em comum, quer seja por roupas, por personagens, por desenhos, por brinquedos. Em outras palavras, elas possuem gostos em comum, o que possibilita uma comunicação e troca de experiências maior do que com um adulto que provavelmente tenha gostos e interesses diferentes.

As observações das crianças sobre a vida adulta se refletem nas brincadeiras:

As crianças não apenas imitam, na brincadeira, o que elas observam entre os adultos. Ao invés, elas interpretam o que observam, tentam variações, e desse jeito se esforçam para dar sentido ao que veem. A brincadeira infantil é sempre criativa e no brincar elas experimentam de novas formas os temas derivados da vida adulta. É assim que cada geração constrói sobre, ao invés de apenas replicar, a cultura da geração dos pais (GRAY, 2017, s.p.).

A criança quando brinca não apenas reproduz algo que viu, mas tenta interpretar e entender aquilo. Através da sua cultura e de seu repertório de conhecimento ela vai experimentando e buscando sentido para essas experiências, aprimorando o seu brincar e as suas relações com as outras crianças.

Um dos motivos para as crianças brincarem afastadas dos adultos está no fato das brincadeiras do seu tempo serem diferentes daquelas que seus pais se ocupavam quando eram crianças. Em alguns momentos percebi, em minhas práticas, que alguns acordos entre eles eram feitos escondidos de mim, com a finalidade de mudar o rumo da brincadeira e adaptar ao gosto/desejo deles. Isso aconteceu na dinâmica com a música Escravos de Jó. Com o andamento da brincadeira eu fui percebendo as mudanças que eram criadas por eles ou combinadas pelo grupo.

Os jogos e as brincadeiras são parte da cultura, promovem a socialização através da comunicação que ocorre no brincar. Com os corpos, suas memórias e a imaginação, as crianças entram em um espaço ficcional criando, transformando e dando novos sentidos para as suas experiências. Com isso, a performance cria um ambiente colaborativo dentro do grupo, no qual, as relações interpessoais, solidariedade, empatia, são fundamentais para essas práticas.

O papel das aulas de teatro na educação, além de proporcionar o contato com a linguagem teatral, estimula o trabalho em equipe, a cooperação e a consciência corporal. Com isso, as crianças adquirem o autoconhecimento, aprendendo os seus limites, a ter responsabilidade e consciência coletiva. Ao se relacionar com os seus colegas, as crianças através dos jogos e brincadeiras, conseguem dialogar, resolver seus conflitos, se socializando. Com a imaginação elas conseguem explorar o espaço da sala de aula, reconstruindo e criando

novos significados, representando papéis sociais e inventando/experimentando formas de ser e de estar no mundo.

## **2. O jogo dramático como performance**

Na época que realizei os encontros com as crianças, explorei os jogos dramáticos como uma forma de proporcionar um momento de autoconhecimento, liberdade pessoal e criatividade. Além disso, meu objetivo era trabalhar com a linguagem teatral, sem impor regras rígidas e sem preocupações com uma apresentação teatral propriamente dita.

O jogo dramático é, como Peter Slade (1978) denomina, o jogo intimista, no qual a criança interage com objetos, situações reais ou imaginárias e cria, de forma “fantasiosa” uma situação, dando uma direção para aquela “história fantasiosa”, o que podemos chamar também de faz de conta.

Segundo o autor, nesse tipo de jogo, a criança se conecta com o mundo, com os adultos em sua volta, e apreende observando e reproduzindo gestos e situações. É dessa maneira que começa a entender como são os papéis sociais, através dos comportamentos analisados por elas. Enquanto joga a criança vai identificando valores, formas de ser e de estar no mundo, padrões de comportamento, vestimentas, entre outros. Esses comportamentos reproduzidos por eles, são frutos dessa interação, observação e reprodução dos papéis sociais.

Nesse capítulo, vou abordar as experiências com os jogos dramáticos realizados pelas crianças, entendendo-os enquanto performance. Com isso vou trabalhar com alguns elementos da performance que relaciono com o faz de conta. Os elementos que trago para essa reflexão são os seguintes: “como se fosse”, “fazer e mostrar”, “experiências com personagens” e as “interações sociais na performance”.

### **2.1 Como se fosse**

O livro Jogo Dramático Infantil, de Peter Slade (1978), nos apresenta uma forma peculiar de jogar, onde a criança se desenvolve através de suas ações e



dos estímulos que os adultos oferecem a elas. As crianças realizam uma dramatização, ou seja, elas agem *como se fosse* determinado personagem ou objeto (SLADE, 1978).

Algumas atividades realizadas no primeiro encontro com as turmas de Jardim e Pré-escola, como a atividade de relaxamento da viagem na praia (descrita na página 16), se configuram como jogos dramáticos, na qual a criança fantasia e cria uma situação a partir de seu repertório, ou seja, de ações que ela viveu ou observou no seu cotidiano. Podemos observar nos relatos da proposta da “A viagem”, na qual as crianças trouxeram situações que provavelmente já vivenciaram na praia, e restauraram essas vivências com o corpo no momento de sua imaginação. Como exemplo dessa experiência de *faz de conta* trago a seguinte anotação que fiz no Memorial Infantil, após a experiência:

*“Uma menina contou que gostava muito de ir à praia, pois, gostava de entrar na água para se refrescar, achou o banho de mar um pouco gelado, principalmente quando sentia o vento no seu corpo. Preferiu ficar brincando com um peixe rosa que encontrou do que ficar na areia, pois estava quente e queimava os seus pés. Sentiu, também, uma sensação gostosa do atrito da toalha no corpo que estava gelado, segundo ela, se sentiu quentinha” (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.1 e 2).*

Na fala da menina, ela pontua sensações e hábitos que ela costuma vivenciar em suas idas a praia, expressando as sensações do contato com objetos e materiais na praia. De sua interação com o “peixinho rosa”, onde ela fantasia uma situação que pode ser do seu cotidiano, que foi levada para um momento de conforto e alegria, escolhendo o mar para passar a maior parte do seu tempo. Expressando o quanto os contrastes de temperatura e as sensações do frio, com o quente a deixavam confortável. Essa experiência de agir *como se fosse* para a praia, essa viagem ficcional, fez com que ela acessasse suas memórias e as colocasse na sua performance.

Ao observar essa fantasia vivenciada pela menina, pude identificar suas ações como performance, onde ela fez e mostrou *como* estava fazendo. Durante a trajetória na praia ela foi narrando as suas interações com os objetos que se relacionou. Com isso, ela foi mostrando os seus gestos criando uma “apresentação”, ou seja, trazendo a ideia de presença, algo vivo e feito naquele momento, no presente.

Com a interação que observei na performance da menina, vejo as ações do cotidiano e as restaurações de comportamentos no repertório da aluna, aparecendo em brincadeiras de faz de conta que podemos chamar de jogo dramático, e performance sociais. Nesse relato percebemos que a performance da menina com sua imaginação do peixe rosa, pode ser caracterizada como uma performance de gênero, na qual a aluna pode ter escolhido essa cor, pois em suas experiências a cor rosa está atrelada a coisas femininas.

Em outra experiência com o jogo do espelho, pude observar as meninas fazendo e mostrando o que faziam para os colegas, usando o comportamento restaurado e ações do cotidiano, identificadas por mim como uma performance.

*A segunda proposta foi o Jogo do espelho - Em duplas, um em frente ao outro, onde o primeiro será o condutor e o segundo irá espelhar o movimento.*

*Nessa brincadeira o relato de duas meninas chamou a atenção, pois durante os seus movimentos, a menina que era conduzida notou o quanto elas eram parecidas tanto nos aspectos físicos, quanto nas propostas de movimentos e interações. Eram movimentos de cuidados com o pentear dos cabelos, passando batom, iniciando passos de dança e caretas. A menina que conduzia a brincadeira comentou que a colega não sabia fazer muito bem as caretas que ela fazia (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.2).*

Nessa proposta de jogo percebo, além da imitação, a presença do jogo dramático, no momento em que a menina que conduz a outra cria gestos e formas peculiares de pentear-se, passar o batom. Observo nestas ações das alunas a presença do “*como se fossem*” “coisas de menina”, atreladas a coisas femininas de um comportamento restaurado em seus repertórios.

A aluna que deveria imitar os seus gestos, não o faz em boa parte da brincadeira. Ela comenta que faz algo parecido com o da colega, pois mesmo que se ela fizer igual, não vai ficar do mesmo jeito, afinal, nós somos diferentes. Então ela me disse: “estou fazendo de conta que sou ela, mas do meu jeito”. Nessa conversa, consegui identificar que as meninas percebem as diferenças em seus corpos, estatura, peso e aparência em geral.

Sobre as semelhanças e particularidades dos corpos, trago uma reflexão de Paraguassú, na qual ele fala sobre os processos de objetivação dos sujeitos de seu autoconhecimento e de sua singularidade:

Os seres humanos compartilham um corpo em comum, com funções e estruturas semelhantes, desse modo, possuem possibilidades que se entrecruzam. No entanto, é esse mesmo corpo que os define como indivíduos separados dos outros (PARAGUASSÚ, 2011, p.4).

Podemos identificar com essa reflexão que, embora os nossos corpos possuam semelhanças, ainda é através do corpo que nos tornamos seres separados, ou seja, construímos nossa identidade, nosso modo de ser e estar no mundo.

Percebemos, ao agir *como se fosse*, através do nosso faz de contas, as nossas diferenças e semelhanças com o personagem que estamos criando. E, neste paralelo entre o real e o ficcional, nos distinguimos uns dos outros, construindo nossos valores, crenças, gostos, personalidade e liberdade pessoal.

## 2.2. Fazer e mostrar

As performances propõem abrir espaço para o novo, novas experiências e descobertas no agora, indo para a ação. “A performance é pura experiência, é ação no mundo, é intervenção na vida das pessoas” (ICLE, 2013, p. 20). Proponho que o jogo dramático também pode ser entendido assim.

Percebo no comportamento das crianças, durante o jogo dramático, duas dimensões: a representação e a apresentação. A representação está vinculada a ideia do faz de conta, ou seja, da ficção, do *como se fosse*, da criação das personagens para construir suas características no jogo, que foi a temática abordada no subcapítulo anterior.

Neste subcapítulo, falamos sobre a apresentação, que está atrelada à ideia de presença, de *fazer mostrando*, das ações que são feitas na presença dos outros colegas. Ações da própria criança que são presentificadas naquele momento único, carregando algo de si, de sua cultura e personalidade.

O performer, trabalha o seu corpo e, ao fazê-lo, relaciona a arte com a vida, pois sua obra está totalmente envolvida nas situações cotidianas, com as trocas entre quem faz e quem assiste/participa. O performer foge de uma ideia

de representação e age como apresentação ao viver aquela ação/situação no agora.

Nessa experiência viva e de uma ação realizada na presença de outras pessoas, surgem várias situações novas durante o fazer, as interferências de quem vê e é chamado a participar, nos faz repensar/alterar o *mostrar fazendo*.

Isso fica evidente no jogo “Qual o objeto?” que será abordado a seguir, que propõe essa reflexão do *mostrar fazendo* para que esse objeto, criado por cada criança com o papel, fique visível e compreensível para os demais colegas. Nesse jogo se destaca a ação e o envolvimento da criança no instante presente em que transforma o papel.

No jogo apresentado, percebemos que as interferências de quem observa e dá *feedback* torna a performance uma atividade de integração social, na qual há colaboração no processo criativo dos demais colegas.

Agora observemos a descrição do jogo citado:

*Jogo “Qual o Objeto?” Em círculo, uma folha de papel será passada a cada participante onde cada um deve transformá-la em um objeto e mostrar como é usado para os demais jogadores (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.3).*

Essa atividade proposta pelo jogo “Qual o objeto?”, propiciou que a imaginação das crianças fosse colocada no papel embora, em um primeiro momento, alguns tenham encontrado dificuldade. Na conversa com elas, após a atividade, percebi nas falas que as crianças manifestavam alegria em poder fisicalizar o objeto que haviam imaginado.

Nesse momento de entrega ao jogo percebo as marcas da performance: fazer e mostrar o que está fazendo, realizar a ação e compartilhar este momento com os demais, ou seja, fazer na presença dos colegas. A ação segue a ideia de “presentar” ao invés de representar, se jogar e imaginar o objeto se relacionando com ele, transformando uma folha de papel, criando outros sentidos.

Para reforçar essa minha reflexão acerca da apresentação nas ações da criança:

Criança é *performer* de sua vida cotidiana, suas ações presentificam algo de si, dos pais, da cultura ao redor, e também algo por vir – e, se olhada nesta chave, poderá desenvolver-se rumo à assunção de sua responsabilidade e independência, no decorrer dos primeiros anos de sua presença no mundo (MACHADO, 2010, p.123).

Os aspectos da performance fazem com que o corpo e o imaginário se conectem surgindo neste momento uma representação, agindo como se fosse determinado personagem/objeto. Por outro lado, ao comungar/partilhar essa experiência as crianças, ao fazer e mostrar suas ações, presentificam elas com os colegas, interferindo, sugerindo e complementando o fazer.

Na performance observada com o jogo “Qual o objeto?”, percebi que as crianças realizavam um trabalho no qual existe uma oscilação entre o apresentar e representar. E que apresentavam características do passado, através das suas memórias, que se concretizavam no presente, nas experiências construídas nos processos criativos.

Outro aspecto observado foi a afetividade, que é a forma como as crianças se relacionam com as suas emoções e sentimentos, empregando significados emotivos a objetos, coisas e situações. Sendo assim, a afetividade apareceu durante essa atividade, pois cada objeto criado remetia a uma memória de como ele é, para que servia e, ainda, de que outras formas podemos nos relacionar com eles. As memórias que as crianças carregam para suas performances dizem sobre as suas relações sociais com familiares, amigos, questões culturais e de ideologia. Durante a brincadeira, alguns sentiam-se mais à vontade para mostrar seus objetos, enquanto que outros ficavam com mais receio do julgamento dos colegas, momento em que surgiram alguns comentários tais como: isso é feio ou, ainda, não é assim. Tais manifestações mostram que entre eles há alguns choques culturais.

As crianças que não tiveram interesse em participar tinham uma expressão mais tímida, se escondiam entre as outras, mas gostavam de observar os colegas que estavam realizando as atividades. Talvez esse fato aconteça por não estarem acostumados com aulas nesse formato e, ainda, não se sentirem seguras para se expor junto aos demais colegas.

Nessa atividade as crianças demoraram um pouco para se envolver de fato. Em um primeiro momento comecei a sugerir formas de vários objetos que

eles poderiam fazer com a folha e mostrando de que forma usamos esses objetos. Essa minha interferência fez com que muitas reproduzissem os objetos que eu tinha feito no papel embora, na hora de mostrar como eram usados esses objetos, elas tivessem sido criativas em seus gestos e manuseio.

Os movimentos realizados por mim durante a atividade foram observados e reproduzidos por alguns, porém quando perguntava que outros objetos podemos criar com o papel foram surgindo coisas novas. As cenas foram aparecendo, onde cada um dos alunos/performers ia construindo, formando uma cena dramática, o faz de conta surgiu e, com o papel que era passado de mão em mão, o significado dele ia se alterando.

Ora o papel era uma folha de caderno, ora papel higiênico, ora escova de dentes, ora escova de cabelos, entre tantas outras coisas, que traziam memórias e lembranças. O que percebi com essa dinâmica é que a performance, o como está sendo feito e mostrado, é fundamental para identificarmos o objeto escolhido. Conforme Schechner, um dos significados plausíveis para “performar” é “ser, fazer, mostrar-se fazendo, explicar ações demonstradas” (SCHECHNER, 2003, p. 26).

As formas de manipular o papel e de se “presentar” com ele, ou seja, estar presente vivenciando aquela experiência no agora, as escolhas de cada um dentro dessa composição coletiva, mostra que todos interferem em alguma parte da criação individual, e o quanto essa interferência pode ser produtiva e incentivadora dentro da sala de aula. Nessa atividade, em alguns momentos, alguns colegas interferiram no fazer dos outros, mostrando como ele faz/faria tal ação.

Com o trabalho do aparelho vocal através dos ressonadores e das vogais, continuamos trabalhando com o mostrar fazendo:

*Trabalhando com os ressonadores através das vogais - Os alunos vão citando as vogais e, ao mesmo tempo, sentido as vibrações na cabeça, boca, pescoço, peito e barriga. Em duas etapas, aguda e, depois, grave, assim passando pelas vogais e ressonadores (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p. 6).*

Com essa atividade as crianças sentiram os ressonadores através da vibração de suas vozes e a sua intensidade. Gostavam de mostrar ou “fazer para que seja visto”, produzindo algo como “evidenciar o que se faz”, para os colegas e para mim, como saía cada vogal e o quanto o som fazia vibrar nas diversas partes do corpo tocadas. Além de descobrirem a potência de suas vozes, interagiam com os outros colegas compartilhando em duplas um com o outro as suas formas de sentir, onde sentiam a vibração maior. A performance das crianças, ao fazer as suas ações e mostrar/fazer, tinha a intensão de mostrar para que fosse visto. Sendo assim, faziam junto com os colegas formando uma “cena” de algo que era construído em um experimento grupal. Eu, como professora e artista, as estimulava a interagirem com outros colegas, sentindo os ressonadores e as suas vibrações, os graves e os agudos.

### **2.3. Experiências com personagens**

Nas turmas do Jardim e Pré-escola trabalhei com uma dinâmica que chamamos de “caminhada dos animais”:

*Caminhada dos animais - Enquanto eles vão caminhando vou falar o animal para eles expressarem corporalmente, como: elefante, gato, rato, coelho, porco, cachorro, sapo e leão (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p. 5).*

Nessa atividade as crianças adoraram dramatizar os animais, além da caminhada característica deles, os sons também eram reproduzidos. Logo em seguida começaram a aparecer cenas das crianças interagindo umas com as outras, com as suas criações dos animais.

Com a Caminhada dos Animais, consegui ver este jogo como uma atividade performática, onde a ação era feita no momento de criação, ou seja, no agora, e o *como* era feito era uma escolha dos próprios envolvidos. A interação dos alunos/performers com a invenção de suas posturas de animais, sons, formas de caminhar e se relacionar, foi marcada por suas vivências e conhecimentos prévios.

O processo de experiências com o jogo/performance é muito importante pois é nele que se darão os conflitos e se encontrarão as soluções. É o espaço de ouvir e de ser ouvido, muito mais do que ser visto por um público, mas ser reconhecido pelo grupo no qual está inserido, se reconhecer membro dele e encontrar a sua identidade dentro do mesmo.

Vejamos o meu relato sobre a experiência de um menino com essa atividade e a minha reflexão com relação a performance:

*Na nossa conversa um dos meninos relatou o seu gosto pelo leão, segundo ele é um dos animais mais fortes e grandes, assim como ele gostaria de ser. A performance é uma ação do cotidiano que intervém na nossa vida, nos mostrando formas de ser e estar no mundo, a relação do menino com o animal criado pela sua imaginação em seu momento (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.6).*

Tornar-se um leão, mesmo que no faz de conta, o permite experimentar o comportamento do leão, corporificar uma atitude de força, caminhar *como* se fosse um leão e emitir seus sons.

Assim, como nos apresenta Schechner, através do comportamento podemos experimentar outros “eus”

“Sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi”. Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contém meu “eu” não foram por “mim” inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser “além do que sou”, “não eu mesmo”, ou “dominado” em transe. O fato de que existem múltiplos “eus” em cada pessoa (SCHECHNER, 2006, p. 35).

Nessa experiência de agir *como* se fosse um leão, além do aluno ser quem ele é, percebe que ele pode ser outro, além do que ele já é.

Outro momento de jogo dramático ou, como popularmente chamamos, faz de conta, foi realizado com a turma de Maternal. Através da história dos três porquinhos, pedi para eles me contarem como imaginavam os personagens e o que cada um deles fazia na história que acabaram de ouvir. Nos relatos das crianças havia um porquinho mais forte que cuidava dos outros que perderam a casa, e o lobo era o personagem mais feio e malvado da história.



A performance dos alunos, quando mostravam as características do porquinho mais forte, era de estufar o peito, com passos mais largos, ar imponente e cara de bravo. Os outros porquinhos na performance deles apareciam mais assustados, se escondendo, com medo do lobo. E o lobo era forte, malvado, feio e desengonçado.

Com essas observações podemos perceber os conhecimentos culturais que eles possuem a respeito de certos conceitos e características: como a beleza, força, bravura, medo. Na construção das características corporais dos personagens é possível identificar valores (padrões de bom e de mau) e papéis sociais.

Em conversa com as crianças, identifiquei que elas valorizam quem é forte, valente, e não tem medo das coisas da vida. Alguns associavam essas características aos super-heróis ou, ainda, aos seus pais que, na visão delas, eram quem mais se encaixavam em tais atitudes e comportamentos dentro das relações sociais.

Hoje, com o olhar para essa prática, pela perspectiva da performance, eu poderia, enquanto professora, desconstruir esses comportamentos, provocando as crianças a mudar as características corporais clichês, buscando novas possibilidades para caracterizar suas experiências com performance. Através de jogos e brincadeiras de construção de personagens novos, por meio do desenho, de cores, sons que são realizados pelos corpos deles, buscando novas posturas, formas de caminhar e interagir.

Realizamos uma dinâmica de desenho com a história dos três porquinhos:

*Com a turma de maternal realizamos atividades que lembrassem a história dos três porquinhos, conversamos sobre os principais personagens e como eles imaginavam que fossem. O personagem preferido foi o lobo mau e ele foi descrito de várias formas. Depois cada um fez um desenho que fazia lembrar a história, o desenho foi livre e cada um usou as cores que preferiu. Ao final da atividade enquanto juntávamos os lápis lembrávamos as cores (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p. 5).*

Nesse momento lúdico de imaginar como o lobo mau é fisicamente, como ele se comporta, as crianças foram expondo corporalmente e verbalmente sua

imaginação com relação ao personagem. Em uma tentativa de mostrar aos colegas como era essa “imaginação”, começou uma série de demonstrações das ações do lobo, *como se fizessem de conta* que eram o personagem. As crianças, com sua espontaneidade, opinavam sobre a representação dos colegas, sugerindo e interferindo no seu fazer. Logo após, fizemos um desenho do que foi mais significativo sobre a história e os personagens, colorindo os desenhos fomos, juntos, lembrando as cores.

Em um dos relatos um menino mostra como ele imaginava o lobo mau:

*Ele é forte, grande e tem uma boca enorme. Quando caminha deixa marcas no chão, e faz barulho, pum, pum no chão. Ele não é do bem, faz um assopro forte para derrubar as casinhas, que fazem plaf, paf no chão (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.6).*

Enquanto ele mostrava a sua performance de lobo, os colegas reagiam com gestos e caretas. Isso fez com que essa atividade se tornasse, além de criativa, de interação social, de autoconhecimento e liberdade pessoal.

Enquanto observava, meu comportamento era de espanto, de satisfação. De conseguir enxergar o lobo no menino e, ao mesmo tempo, conseguir interagir com ele. Confesso que minha performance era de um lobo, um pouco mais observador e com expressões mais engraçadas. Alguém que abre espaço para a criatividade e criação, assim como Icle nos sugere:

Não se trata de “ensinar” *stricto sensu* teatro para aos atores alunos, mas de orientar um processo poético no qual se constitui um modo específico de fazer, que atenda antes o anseio de compreensão do fenômeno teatral do que o acúmulo de técnicas (ICLE, 2010, p. 140).

Tanto o diretor teatral quanto o professor de teatro, devem orientar esse processo artístico e de conhecimento da linguagem teatral, que vai além de técnicas. Vivenciando as experiências cênicas, explorando a capacidade de reflexão crítica, consciência corporal, desenvolvendo a espontaneidade, a criatividade e tornando-se sujeitos humanos, sociáveis. Transformando o modo de ver a vida e as relações interpessoais.

O jogo faz com que exercitemos o nosso fazer, as nossas relações no mundo, revela como enxergamos a vida, pode ser um ensaio de como podemos transformar o nosso viver, construindo assim as performances culturais. As

crianças, com suas memórias, vão experienciando novas situações, através do seu imaginário e da interação coletiva. Representando ou “presentando” ações, com toda a sua vivacidade, ou seja, presentes naquele momento e totalmente envolvidas na criação artística. É como se fossem determinados personagens sociais trazendo à cena situações do seu cotidiano, pois vida e performance estão intimamente ligadas. E, como arte e vida se misturam, a performance é um outro “palco” para expormos as nossas angústias, alegrias e reflexões.

#### **2.4. As interações sociais na performance**

Nas manifestações das crianças percebemos que as suas relações sociais aparecem no momento de criação com os colegas. No trabalho realizado com as características vocais, em uma dinâmica que usava alguns tipos de vozes, observamos essa relação:

*Trabalhar com três tipos de vozes que são as seguintes: voz do guerreiro forte e grave, voz materna mais calma e, por último, a da criança com voz aguda (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p. 6).*

Essa atividade é fruto de experiências vivenciadas por mim durante a graduação, na qual estudei os ressonadores vocais, usando figuras do guerreiro, da mãe e da criança, como forma de analisar os tipos de vozes, sua potência e oscilações entre agudos e graves.

Durante essa atividade, além de observarem a potência de suas vozes passando pelos três tipos de propostas, as crianças começaram a trazer memórias de características de suas mães e avós, indicativo da tentativa se expressarem como eram essas figuras em suas vidas. As vozes das crianças vinham do contato delas com irmãos e outras crianças que tinham convívio, a voz do guerreiro estava associada a desenhos animados ou histórias que ouviram.

As vozes foram aparecendo junto com os gestos e a forma de andar, falar, se dirigir aos outros colegas, como se naquele momento as crianças fossem esse personagem. Com as suas bagagens e memórias afetivas elas foram

buscando novos significados dentro da proposta. Surgiram comparações, questionamentos e trocas de experiências entre elas. Afinal, todos tinham algo para transparecer com a voz e uma ação, mostrando como era o personagem em seus imaginários ou em suas memórias.

Compreender nossas emoções e sensações, canalizá-las para a criação, ouvir e ser ouvido, perceber a si mesmo e o outro, são exercícios que ajudam na nossa criação artística. De igual forma, nos auxiliam a viver melhor, a lidar com tranquilidade com os imprevistos que ocorrem na nossa vida e, também, nos nossos processos de ensino/aprendizagem/criação, ou seja, nos torna humanos melhores, mais conscientes e preparados para a vida.

Cabe aqui salientar a importância da performance como algo singular para cada indivíduo. A forma como uma pessoa abre uma porta, não é igual a de outra, assim como são distintas as formas de cada pessoa sentar-se em uma carteira. Perceber as singularidades dos comportamentos, formas de se relacionar com os objetos e até mesmo com o espaço de maneira peculiar. Portanto, cada indivíduo tem o seu modo de expressão, gestualidade e atitudes que ficam evidenciadas durante suas manifestações performáticas.

Uma característica importante do jogo é a imprevisibilidade. O jogador deve estar preparado, sabendo que a qualquer tempo pode ser interrompido por algo ou alguém. Percebemos, assim, que os espaços sociais são categorias em constante transformação, através da influência das ações de seus jogadores. (LOBO, 2012). Ou seja, na performance, assim como nas nossas vidas, devemos estar preparados para o imprevisto, para sermos interrompidos e mudar as estratégias.

Na turma de maternal fizemos uma outra proposta, vejamos:

*Com a turma de maternal, me fantasiei de chapeuzinho vermelho e contei a história, todos ficaram atentos escutando, depois ensinei a música e fizemos uma caminhada pela floresta uns foram o chapeuzinho e os demais o lobo mau, foi uma atividade criativa e de muita espontaneidade, onde o envolvimento foi total (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.7).*

Convidei as crianças a participar da história com o personagem que elas mais gostaram nessa proposta, fazendo com que assumissem a postura dele e interagissem com os demais colegas.

Durante a atividade cada uma das crianças criou suas ações e, na medida em que iam entrando no cenário da floresta, escutando e cantando a música, as características dos personagens eram expostas. Escolheram alguns objetos encontrados na sala de aula e, usando de imaginação, foram construindo uma trajetória na floresta de forma coletiva e expressiva. As posturas do caminhar, do se sentir outro personagem, de experimentar outras formas de falar, novos gestos, foi criando uma relação de parceria durante esse jogo dramático. O conjunto resultou em uma grande brincadeira/jogo, a qual, olhada pela perspectiva da performance, me induz a ver como uma apresentação de comportamentos restaurados, memórias afetivas de lembranças que traziam de outros momentos que tiveram contato com essa história, de ações do cotidiano, formas de ser e estar no mundo e a ressignificação dessas ações. Ao propor essa atividade, dividir essas ações e situações naquele momento e fazer trocas com elas, enquanto participante e observadora, foi uma experiência única, de grande entrega e afetividade.

Ao trabalharmos com atividades que envolveram a imaginação e a dramatização pude pensar nas performances culturais dos alunos e seu contexto social. A primeira proposta foi um momento de relaxamento, usando a imaginação:

*Relaxamento – Deitados os alunos vão ouvir uma música calma e a voz da professora ficará de fundo os conduzindo a imaginar personagens que, mais tarde, eles poderão representar.*

- *Palhaço;*
- *Princesa;*
- *Bruxa;*
- *Fada;*
- *Crianças;*
- *Velhinhos;*
- *Piratas. (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.7 e 8).*

Essa atividade do relaxamento é importante quando trabalhamos com crianças, fazendo com que elas se desconectem das coisas que aconteceram antes daquele momento. Respirar fundo, buscar o equilíbrio, deixar extravasar os sons que saem do corpo. Aos poucos fui apresentando alguns personagens, pedindo para que as crianças comesçassem a imaginá-los. Em seguida, pedi às crianças que, através daquilo que foi imaginado por elas sobre os personagens, escolhessem alguma coisa que as ajudasse a criar/compor esses personagens e, para isto, usamos a mala de fantasias.

*Mala de fantasias – Nesta atividade os alunos irão escolher alguma fantasia e adereços para se caracterizarem. Em seguida farão uma interação com os demais colegas mostrando características do seu personagem e, para concluir a atividade, uma roda de conversa sobre as impressões e percepções desta atividade (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.8).*

Com a imagem do personagem escolhido e a caracterização com a mala de fantasias, as crianças começaram a criar diálogos entre si, entre os personagens. Várias dramatizações foram surgindo e, ao mesmo tempo, eu passava pelos grupos observando suas criações.

Trago para analisar aqui duas experiências que guardei na memória sobre os jogos de cada grupo. Um deles era composto por três meninas, uma assumiu a figura da Princesa, a outra da Fada e a última da Bruxa. O jogo da Princesa era imponente, vaidosa e luxuosa. Com seu vestido brilhante ela queria ficar em destaque e fazer com que as outras fossem as suas criadas. A Fada com sua varinha queria transformar a Princesa em um sapo, pois dizia que ela que era a Fada de todas das Fadas, usava um vestido um pouco mais simples, porém sua postura e gestualidade buscava o mesmo destaque da Princesa. A Bruxa, por sua vez, queria terminar com a briga das duas colocando-as no caldeirão.

A segunda experiência observada foi de uma dupla de meninos. Um assumiu a figura da criança e o outro do palhaço. Nessa interação o palhaço queria divertir o menino, porém ele não gostava de palhaço e ficava se escondendo dentro da sala de aula. Após observar essa situação conversei com o menino sobre ele não gostar de palhaço, no intuito de entender o motivo. Ele explicou que não gostava porque uma vez foi ao circo e um palhaço veio interagir com ele bruscamente, dando risadas, com o rosto perto do dele, situação que

gerou medo. Com isso, vejo que em sua imaginação o palhaço não tem características engraçadas e divertidas, como culturalmente ele possui. Esse jogo me remeteu às brincadeiras infantis de esconde-esconde e de pega-pega.

Os aspetos dos seus cotidianos apareceram nos jogos de alguns, trazendo memórias afetivas de vivências em família, como o menino que tinha medo de palhaço, trazendo este a sua performance, e as relações de poder das meninas com os personagens de princesa, resignificando as suas experiências no momento criativo.

Com essas experiências descritas acima, podemos identificar padrões de comportamento que surgem da cultura que essas crianças possuem. Ao se caracterizarem de princesas, por exemplo, elas trazem aspectos de histórias de contos de fadas, que fazem parte dos artefatos culturais que elas consomem (filmes, desenhos, roupas, materiais escolares, entre outros).

Vejamos alguns registros das conversas do memorial infantil:

*Ao se caracterizarem, eles me falaram que eram personagens que gostavam ou, até mesmo, pessoas da família, como a mãe, tia, irmã. Agindo como se fossem determinados personagens.*

*Um menino não quis usar adereços e disse que ele era o próprio personagem, que tinha seu jeito e gostava dele, me fazendo lembrar que a performance também pode ser isso, vivências do cotidiano compartilhadas em grupo, formas de ser e estar no mundo (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.8).*

A performance na educação, vem como um instrumento para pensarmos, as nossas relações, sejam elas sociais, políticas, de gênero, raça, infância, rituais, cotidiano, entre outros. Se a performance é tão potente, que pode nos fazer refletir e repensar formas de nos relacionarmos através do nosso corpo, dos artefatos que nos relacionamos, ela de fato é uma presença na nossa vida real, de *como* somos e de *como* fazemos. O ponto principal aqui é proporcionarmos esse espaço/tempo para que as crianças e jovens tenham contato com essa linguagem fundamental para construirmos uma sociedade mais justa, fraterna e empática.

Durante esse trabalho pude perceber as diferentes culturas nas quais as crianças estão inseridas, muito embora tenham a mesma idade e gostem dos

mesmos temas. Através da convivência familiar e com outras crianças fora dos domínios da escola, aparecem aprendizados/conhecimentos transmitidos pelos pais, avós, tios, e isto vai construindo as memórias das crianças e, também, suas crenças e valores sociais.

A utilização das cores como já salientei, por vezes, abrem espaço para a questão de gênero no contexto escolar. Com a minha experiência, através da performance pude fazer as crianças compreenderem ou, pelo menos, vivenciarem situações nas quais ser rosa ou azul não é o mais relevante no processo criativo, mas sim estarem receptivas e abertas para entender e acolher as propostas dos outros colegas.

Nossos currículos escolares são pensados em tempos e espaços específicos, colocando o que é mais importante, estabelecendo formas de hierarquia. Somando-se a isso, na mídia somos invadidos por muitas formas de ser e estar, de nos relacionar com produtos. Ou seja, tanto na escola como na mídia, existem formas de educar, ensinar, se comportar, ser.

De acordo com Mônica Bonatto, a performance possibilita reflexão sobre a educação

A noção de performance, entendida tanto como linguagem, quanto como ferramenta de análise da ação humana, possibilita a reflexão sobre alguns aspectos da educação escolarizada e, a partir daí, pode nos levar a experiências diferentes daquelas proporcionadas por práticas tradicionais de ensino (BONATTO, 2015, p.90).

A performance na educação vem repensar essas relações de ser, estar, vestir-se, comportar, ser. Isso nos coloca como sujeitos da ação, ou seja, “quem faz”. Pensando assim, nos torna seres críticos, autênticos e espontâneos, para nos direcionarmos a fazer nossas próprias escolhas nas nossas relações com o mundo e as pessoas, a nos encontrar no mundo, ter uma direção, nos conhecer e nos reconhecer.

Trabalhamos também com a improvisação de cenas e construção de uma história coletiva:

*Improvisação de cenas dramáticas – Cada aluno vai escolher uma fantasia/personagem e irá juntar-se com alguns colegas para criarem uma história/cena que, logo em seguida, será apresentada (interpretada) para os demais colegas.*



*História coletiva – cada aluno vai escolher um objeto e falar algo sobre ele (ou inclui-lo na história) e junto do professor criar uma história.*

- ✓ *Que objeto é este?*
- ✓ *E por que o escolheu? (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.10).*

A experiência dessa aula propiciou entendermos que quando as crianças dramatizam uma situação, elas carregam suas impressões com relação aos personagens, sejam boas ou ruins, classificam o que elas fazem e o que os colegas mostram durante os processos criativos deles. Existem choques culturais entre as crianças quando elas escolhem os objetos e explicam o motivo da escolha. Na imaginação de quem faz a ação o objeto pode ter outro significado para quem está fazendo de conta. Com isso, por vezes, os colegas que observam a dramatização não se convencem de que aquela é a caracterização adequada para o personagem, uma vez que em seus imaginários culturais as características e objetos são diferentes para aquele personagem. Nesse momento, explicar para ambos que o processo criativo é pessoal, se faz importante, para que eles entendam que não existe certo e errado nos momentos de criação. Porém, existem elementos que contribuem para que a platéia compreenda aquilo que está sendo dramatizado. A observação da platéia identificando o que potencializa ou não o que se deseja comunicar é também um processo importante, ajuda a quem está em cena qualificar suas ações, a compreender que há escolhas a serem feitas.

*Nesta aula, trabalhamos com princípios dos jogos dramáticos ou, como chamamos, o faz de contas. Ao propor uma dramatização eles pegaram os figurinos que usaram na aula anterior, e começaram a pensar e criar diálogos soltos. Logo, em seguida, pedi para que eles tentassem interagir com os outros personagens, mas sem se preocuparem com uma apresentação. Simplesmente era para fazer.*

*Aos poucos eles começaram a interagir, tinha dois meninos, que lutavam para conquistar um território, e um dizia que o outro tinha que perder a tal luta, e quando isto acontecesse tinha que cair no chão, assim como nos desenhos e novelas, quando alguém perde.*

*A menina que se vestiu de princesa, começou a interagir com um menino que estava vestido de sapo, dizendo que ele seria o seu príncipe, que ela o transformaria, ele não gostou muito da ideia, olhava para mim e para ela e dizia que não queria, “quero*

*continuar sapo”. Virou as costas e foi interagir com um menino vestido de leão e uma menina com asas de borboleta. Emitia o som do sapo e pulava em meio aos outros personagens, a borboleta andava perto do leão dizendo que ele a protegia, o leão andava mais lento e com aspecto bravo e fazia um som forte (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.10).*

Esses jogos me permitem pensar que as crianças já possuem conhecimentos culturais e já conseguem fazer suas escolhas, de não querer interagir com determinado personagem por exemplo. Essa liberdade pessoal e espontaneidade foi se estabelecendo ao longo dos nossos encontros. Ficou evidente que a cada participação deles nas propostas foi aumentando, ao mesmo tempo que ampliou o interesse de explorar novas possibilidades artísticas.

A perspectiva da performance reforça a ideia de ruptura com a normalidade, de provocação, que o jogo já apresenta, à medida em que propõem um pensamento-ação que provoca sempre algo novo, que não tem uma rigidez de forma, espaço, tempo. Esse olhar acrescenta uma preocupação com a produção de si e dos outros no momento em que é feito e *como* é feito. Dessa forma a performance é vista como uma invenção já que não existe um modo de fazê-la de maneira pré-determinada e de forma rígida.

No último encontro fizemos uma dinâmica com máscaras de papel pardo, buscando a interação das crianças.

*Interação com Máscaras- buscar a neutralidade dos gestos e expressões em cena (MEMORIAL INFANTIL, 2021, p.11).*

Com as máscaras no rosto, pedi para que as crianças buscassem novos gestos que se relacionassem com a máscara de uma forma neutra, como se fosse uma folha de papel em branco, sem pensar em nenhum personagem específico, em nada que tenha sido feito até então e deixando as novas ideias aparecerem.

Nessa atividade surgiram sons de animais que apareceram em outras aulas – leão, sapo, lobo, entre outros – e falas de personagens soltos. Na interação entre elas, surgiam sempre figuras de poder que se sobressaíam aos demais, sejam por serem fortes ou por serem princesas e reis.

As figuras de poder, dentro do contexto escolar, aparecem de forma sutil, no momento em que a professora se coloca em frente aos alunos, lhes passando informações, conteúdo e conhecimentos. No contexto familiar, percebemos que a figura do pai, como o chefe da família e provedor, está relacionada ao poder. Portanto, em ambos os contextos, há uma figura central que detém o poder, pois está relacionada a algumas ideias tais como: o saber, a autoridade, dentre outros. Na performance das crianças podemos ver essas relações sendo abordadas nas características dos seus personagens.

Sobre as relações de poder, Gabriela Meireles nos ressalta que tanto os pais quanto os/as professores/as, são figuras que induzem o jeito de ser delas:

[...] é possível dizer que mesmo nas relações entre as crianças, o discurso do adulto (seja da mãe ou da professora) também acaba aparecendo como aquele que interdita/proíbe as crianças de fazer algo, mas também aquele que orienta/ordena que as crianças ajam de uma determinada maneira e autoriza/produz um jeito de ser (MEIRELES, 2008, p.68).

Valorizar os conhecimentos vindos da performance, pensá-los, ressignificá-los e os colocarmos em ação dentro da sala de aula, é construir um espaço de aprendizado que vai além do currículo pré-estabelecido. Aprendemos a ser homens, mulheres, alunos, alunas, educadores/as, a jogar, a brincar entre tantas outras coisas, por meio das nossas vivências não só dentro da escola, mas ampliando a nossa relação de aprendizagem a toda troca com as pessoas, situações e mundo.

## Conclusão

Neste trabalho com as crianças da Educação Infantil pude observar seus comportamentos durante as atividades e identificar como performance, seja quando elas fantasiam uma situação se utilizando da repetição/reprodução de algo que observaram ou vivenciaram. Ou, ainda, quando resolvem ir para o espaço explorá-lo, criar com ele, com o que estiver disponível no momento e com o uso da imaginação.

Percebo o teatro na escola, no contexto de jogos e brincadeiras, como duas vias as quais as crianças aprendem sobre a cultura, modo de ser, estar, comportar-se. Na qual elas se comunicam, se descobrem, encontram sentindo para suas ações. Transitando paralelamente na ficção e na realidade, através da imaginação, elas assumem diversos papéis sociais, treinando, inventando e criando formas de se relacionar com as pessoas no mundo.

O espaço paralelo, que podemos chamar de ficcional, apareceu quando as crianças se relacionaram com o espaço da sala de aula, através do faz de conta, transformando-o com as suas memórias e imaginação. Assim como Marina Machado nos fala:

[...] o que deve ser resgatado quando se pensa em teatro é o ato performático, ou seja, o exercício de viver o corpo numa situação de liberdade para a criação. Nos jogos dramáticos infantis, por exemplo, a criança brinca, joga com o corpo, age por motivação intrínseca. A matéria do teatro é a imagem, a voz, o corpo, o espaço e o tempo (MACHADO,2010, p.121).

Com os Jogos e Brincadeiras, o corpo começa a revelar as suas memórias, sua cultura e aprendizados sociais que, através da imaginação, ganham espaço dentro da performance, transformando a sala de aula em um ambiente de criação artística. É no contexto da brincadeira que as crianças se comunicam, negociam regras e acordos umas com as outras, experimentam os papéis sociais e formas de comportamento. E, por meio do diálogo, foram fortalecendo as relações de solidariedade e empatia, fundamentais para a construção de boas relações interpessoais.

A performance nos permite entrar em contato com diferentes culturas, formas de ser, estar e comportar-se. Podemos dizer que produz cultura, junto com as memórias, os corpos e a imaginação. Desta forma, proporciona a construção da nossa identidade social e nossa autonomia.

Nos jogos dramáticos as crianças criaram fantasias de situações que presenciaram em suas vidas, as reproduzindo em ações durante as dramatizações. Com isso elas agem como se fossem determinados personagens ou pessoas, através de seus gestos e das características. Por meio da memória elas começam a acessar suas lembranças de suas relações sociais/culturais e as imaginam no contexto do faz de conta. Elas começam a reinventar e modificar suas ações através do faz de conta fazendo e mostrando como estão executando.

Ao longo das aulas, suas personalidades, suas identificações com certos assuntos, brincadeiras, personagens foram surgindo, encontrando cada vez mais sentido e direção nas suas brincadeiras. Ou seja, a cada vez que brincam, acrescentam experiências para esse brincar.

Dessa forma, a performance nos coloca como o sujeito da ação, fazendo com que nos tornemos seres críticos e reflexivos. Com isso, transformamos as nossas relações interpessoais e a forma de ver a vida, nos direcionando para as nossas escolhas, nos apresentando direções e fazendo com que encontremos a nós mesmos.

Com esse trabalho busquei provocar os alunos, convocando-os para a transgressão e percepção dos seus corpos, dos outros corpos e dos espaços. Com a intenção de transformar e criar novas experiências a partir de suas vivências na sala de aula com os jogos e brincadeiras.

Considerando os jogos e brincadeiras enquanto manifestações performáticas, a partir da perspectiva da performance, identifico os eventos do cotidiano, os comportamentos, a invenção e a criação, como elementos que fazem as crianças entrar em contato com os papéis sociais e culturais da nossa sociedade. Ao olhar para as aulas de teatro que ministrei, através da lente da performance, vejo o papel do teatro na educação como um tempo/espaço no qual a criança está livre para experimentar os diversos papéis sociais. Isso

possibilita que as crianças possam ser além do que elas são, sem a preocupação com um roteiro ou com um resultado, permitindo que o processo criativo seja o ponto mais importante dentro da sala de aula na qual, através de suas ações, elas inventam formas de lidar com os problemas e os conflitos. Assim, vivenciam novas formas de se relacionar com os colegas, criando seus próprios valores culturais e sua identidade pessoal.

Agora, com o entendimento dos estudos da performance, ao ministrar aulas, darei atenção ao meu papel de instigar meus alunos a buscar fugir dos comportamentos clichês. Como professora/performer estarei observando todos os eventos do cotidiano, com esse olhar para a performance, percebendo como cada pessoa, em sua forma particular de fazer ações e viver a vida, está performando uma cultura, comportamentos e papéis sociais.

## Referências

BONATTO, Mônica Torres. Professor-Performer, Estudante-Performer: notas para pensar a escola. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. Revista do Lume, Núcleo interdisciplinar de pesquisar teatrais- UNICAMP, n.4, dez. 2013.

FALKEMBACH, Maria Fonseca. Corpo, disciplina e subjetivação nas práticas de dança: um estudo com professoras da rede pública no sul do Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

GRAY, Peter. Culturas das infâncias e como nos adultos quase a destruímos. Tradução de *Pedro Ribeiro Nogueira*. Educação e Território, 2017.

<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/culturas-da-infancias-e-como-nos-adultos-quase-as-destruimos/>

ICLE, Gilberto. *Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação*/ [organização por] Gilberto Icle. – Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2010.

\_\_\_\_\_. *Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas*/ Marcelo de Andrade Pereira (organizador) – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

KILGARD, Amy K. *Chaos as Praxis: Or, Troubling Performance Pedagogy: Or, You Are Now*. Text and Performance Quarterly, Vol. 31, No. 3, July 2011, pp. 217-228.

LOBO, Andréia Maria Favilla. *Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola* - volume 2 [organizado por] Gilberto Icle. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MACHADO, Marina Marcondes. A Criança é Performer. Educação e realidade, v 35, n° 2, p.115 a 137, maio/ago, 2010.

MEIRELES, Gabriela Silveira. A infância nas tramas do poder: um estudo das relações entre as crianças na escola. Dissertação de mestrado para obtenção de título de mestre em educação pelo programa de mestrado em educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

NÉSPOLI, Eduardo. Performance e ritual: processos de subjetivação na arte contemporânea. / Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas Instituto de Artes. – Campinas, 2004.

PARAGUASSÚ, Alita Carvvalho Miranda. **O corpo e a constituição do sujeito-aluno**. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PAZ, Luciana Athayde. CURRÍCULOS-PERFORMANCE: como criar cadernos sem linhas? Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. Porto Alegre, 2020.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas/ Marcelo de Andrade Pereira (organizador). – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

SILVA, Rita de Cácia. “A criança no ser”: Infância, intertextualidade e performance entre crianças artistas e seus familiares em Recife. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 117-136, jul. /dez, 2010.

SILVA, Vanessa Martins da. O jogo dramático e o jogo teatral na formação da criança. Monografia apresentada ao Curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Teatro. Pelotas, 2011.



SLADE, Peter. *O jogo dramático infantil*. Volume 2. São Paulo: Summus, 1978.

SCHECHNER, Richard. O que é performance?. In *O Percevejo*, ano 11, 2003, n. 12, p. 25 a 50.

\_\_\_\_\_. "O que é performance?" em *Performance studies: an Introduction*, second edition. New York & Londres: Routledge, 2006, p.28-51.

\_\_\_\_\_. *Estudios avanzados de performance*. Ed. e introd. General de Diana Taylor , ed e introd. De cada capítulo de Marcela A. Fuentes; trad. de Ricardo Rubio, Alcira Bixio, Ma. Antonieta Cancino, Silvia Peláez – México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, 2011.

ZORDAN, Paola. *Performance e educação: (des)territorializações pedagógicas*. Marcelo de Andrade Pereira (organizador). – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

## **Apêndices**

## **Memorial Infantil:**

### **Primeiro encontro**

No primeiro encontro os elementos trabalhados foram o corpo e o espaço, juntamente com atividades que buscavam interação e trocas entre os alunos durante suas experiências coletivas e individuais.

O primeiro contato deles com o corpo deu-se através da imaginação em uma atividade de relaxamento. A proposta foi envolvê-los em uma ida a praia criando, pouco a pouco, uma história e um trajeto desse passeio. Porém, cada um em sua imaginação criou a sua ida a praia de forma particular e peculiar, através de suas memórias, vivências e sensações.

A trajetória pela praia foi a seguinte:

- \*sentir o calor;
- \*areia nos pés;
- \*brisa do mar;
- \*árvores balançando com o vento;
- \*vento batendo no rosto;
- \*folhas das árvores caindo;
- \*entrando no mar;
- \*andando na água;
- \*sentindo o corpo molhado;
- \*encontrando amigos;
- \*saindo do mar e pegando a toalha para secar-se.

Aos poucos, contando suas sensações e experiências, eles foram despertando da sua viagem para a praia. Lembro-me que ouvia e observava as sensações deles durante o percurso – sorrisos, risadas e movimentos de liberdade.

Em um dos relatos sobre suas experiências, uma menina contou que gostava muito de ir a praia, pois gostava de entrar na água para se refrescar, achou o banho de mar um pouco gelado, principalmente quando sentia o vento

no seu corpo. Preferiu ficar brincando com um peixe rosa que encontrou do que ficar na areia, pois estava quente e queimava os seus pés. Sentiu, também, uma sensação gostosa do atrito da tolha no corpo que estava gelado pois, segundo ela, se sentiu quentinha.

O relato de outro menino foi uma experiência diferente: Resolvi ficar pouco tempo no mar e aproveitar as folhas que caíram de uma árvore para brincar com os amigos debaixo da sombra. Comentou que a areia estava quente e era desconfortável andar nela, mas que gostou de entrar no mar para se refrescar. Logo já voltava com o seu balde cheio de água para continuar fazendo, junto com os seus dois amigos, um buraco para fazer uma piscina na sombra. Segundo ele, na sombra era melhor de ficar.

A segunda proposta foi o Jogo do Espelho. Em duplas, um frente ao outro, onde o primeiro será o condutor e o segundo irá espelhar o movimento.

Nessa brincadeira o relato de duas meninas chamou a atenção, pois durante os seus movimentos, a menina que era conduzida notou o quanto elas eram parecidas tanto nos aspectos físicos, quanto nas propostas de movimentos e interações. Eram movimentos de cuidados com o pentear dos cabelos, passando batom, iniciando passos de dança e caretas. A menina que conduzia a brincadeira comentou que a colega não sabia fazer muito bem as caretas que ela fazia.

O jogo seguinte foi o Jogo Chão Enfeitiçado. Aqui os participantes andam na sala, de preferência descalços, e reagem aos comandos de mudanças de textura e temperaturas do chão. E partimos para o jogo onde os alunos sentiam, através da imaginação, as mudanças de temperatura e textura do chão na medida em que se deslocavam no espaço. Foi uma atividade interessante, pois todos conseguiram sentir as mudanças e reagir a elas.

Ocupação do espaço. O objetivo desse exercício é manter o espaço equilibrado. Ao bater palmas os participantes andam conforme o ritmo e, ao parar, todos ficam imóveis até que as palmas sejam reiniciadas. Podem ocorrer comandos para mudar a forma de andar e o ritmo, a fim de preencher melhor os espaços vazios.

O próximo jogo trabalhado foi igualmente a Ocupação do Espaço. Apenas que aqui os participantes tentavam manter o espaço equilibrado e, para isso, recebiam comandos para andarem em diferentes ritmos e de formas distintas.

Uma das dificuldades encontradas durante a atividade foi manter o silêncio e a concentração, fundamentais para que os alunos conseguissem ver e ouvir os comandos indicados pelo professor.

No Jogo Toca do Coelho os participantes tinham que escolher entre ser o coelho ou a toca. Mas, como a maioria queria ser o coelho, houve alguns conflitos que, contemporizados a contento, permitiram que a atividade fosse realizada. Cabe destacar que foi a que os alunos mais gostaram, se divertiram, ocuparam melhor os espaços e interagiram com maior facilidade.

Com a turma do maternal realizei uma caminhada com balões para que eles se relacionassem com o espaço e interagissem entre os colegas. Como não havia balão para todos, a minha intenção era que eles jogassem com um ou dois colegas, mas isto se tornou uma dificuldade, pois cada um queria ter o seu balão e brincar com ele separadamente. Para encerrar a aula fiz uma massagem em cada um dos alunos e, em seguida, conversamos sobre como eles se sentiram durante a caminhada, poucos falaram sobre a atividade e os que comentaram disseram que gostaram.

### **Segundo encontro**

Atividades realizadas:

- Jogo Qual o Objeto? Em círculo, uma folha de papel será passada a cada participante onde cada um deve transformá-la em um objeto e mostrar como é usado para os demais jogadores.
- Jogo Toca do Coelho. Formam-se grupos de três pessoas. Dois deles, de mãos dadas, são “a toca” e, o terceiro, que fica ao centro, é o “coelho”. Ao ouvir o comando “Troca de coelho”, todos trocam de toca.
- História dos Três Porquinhos – Maternal
- Conversa com o grupo.

Nessa aula tínhamos por objetivo manter a concentração nas atividades propostas e, para tanto, começamos com um alongamento corporal para mantermos o foco no nosso corpo e no silêncio. Em seguida começamos o jogo Qual o Objeto?, que tinha por objetivo transformar uma folha de papel em um

objeto e mostrar como ele é usado para os demais colegas. Durante a atividade notei muita dificuldade nos alunos em imaginar um objeto e moldar o mesmo no papel, precisei ajudar vários participantes dando ideias e moldando o papel junto com eles. Percebi, também, que alguns não se interessaram pela atividade e acabaram, em determinados momentos, atrapalhando aqueles que estavam aproveitando o jogo.

Em algumas turmas consegui repetir o jogo Toca do Coelho, para que todos os participantes pudessem ser tanto o coelho como a toca. Na conversa no fim da aula chamei a atenção deles sobre importância dessa atividade para a concentração e, também, para o entrosamento do grupo. Em uma das turmas essa atividade não foi realizada, pois não conseguiram entrar em acordo para dividir os participantes nas duas funções do jogo (toca/coelho).

Como sobraram alguns minutos, com algumas turmas realizei um jogo fácil e rápido com o objetivo de manter a concentração grupal, mesmo não estando no plano de aula. O Jogo Costas com Costas é realizado em duplas onde um participante fica de costas para o outro, tentando manter o equilíbrio caminhando, se abaixando e sentando, tudo isto sem o uso das mãos. Essa atividade exige do participante um bom controle corporal, concentração e percepção. Percebi que em algumas turmas a falta de concentração e a percepção prejudicaram o bom andamento do jogo.

Com a turma do maternal contei a história dos três porquinhos e, depois, conversamos sobre o que eles já conheciam dessa história, o que mais gostavam nela e quais eram os personagens principais.

### **Terceiro encontro**

Atividades realizadas:

- Caminhada com Intensidade. Esta caminhada começa lenta e vai aumentando o ritmo com os níveis que vai do 0 ao 10, de lenta a rápida e, depois, o inverso.
- Caminhada em Diferentes Solos. A caminhada vai ser como se estivessem em diversos solos, tais como: terra, piso frio, piso quente, na lama, na areia, em uma pista de gelo, piso molhado.

- Caminhada dos Animais. Enquanto eles vão caminhando vou falar o animal para eles expressarem corporalmente, como: elefante, gato, rato, coelho, porco, cachorro, sapo e leão.
- Moldando o Corpo do Colega. Em duplas, o participante “A” vai moldando o corpo do participante “B”, ao final o colega “B”, terá que estar de acordo com o que o participante “A” pretendia e, depois, a dupla troca os papéis.
- Jogo do Cego e do Condutor. Um jogador, de olhos vendados ou fechados, é conduzido pela sala apenas pelo toque nos ombros e nas costas do condutor, que é o guia.
- Sentindo o Eu com o Eu - sentir o contato com a parte do corpo indicada.
- Interação com a história dos Três Porquinhos – Maternal

\*Relembrar os personagens e perguntar como eles imaginam os mesmos.

\*Desenhar alguma coisa que faça lembrar a história.

Nessa aula trabalhamos com a expressão corporal através de atividades que envolviam caminhada e imaginação. Todas as turmas realizaram as propostas com tranquilidade, mesmo que por vezes ainda existam momentos de dispersão.

As últimas atividades (Moldando o Corpo do Colega - Jogo do Cego e do Condutor) exigiram um pouco mais de criatividade e concentração. Na conversa final foram apontadas como as mais divertidas. Percebi, também, um envolvimento maior dos participantes, o que possibilitou a interação de vários colegas uns com os outros, explorando o potencial criativo e expressivo de cada dupla na execução das propostas.

Realizei o Jogo Sentindo o Eu com o Eu, apenas para uma turma do jardim, onde eles puderam sentir e perceber o corpo, a roupa, e o contato entre eles.

Com a turma de maternal realizei atividades que lembrassem a história dos Três Porquinhos, conversamos sobre os principais personagens e como eles imaginavam que fossem. O personagem preferido foi o lobo mau, descrito de várias formas. Depois cada um fez um desenho que fazia lembrar a história. O desenho foi livre e cada um usou as cores que preferiu. Ao final da atividade, lembrávamos as cores enquanto juntávamos os lápis.

Em um dos relatos um menino mostra como ele imaginava o lobo mau:

Ele é forte, grande e tem uma boca enorme. Quando caminha deixa marcas no chão, e faz barulho, pum, pum no chão. Ele não é do bem, faz um assofro forte para derrubar as casinhas, que fazem plaf, paf no chão.

Caminhada dos Animais. Neste encontro pude perceber o quanto a sensibilidade corporal é importante, na caminhada com intensidades eles exploraram muito bem o espaço e, quanto mais aumentava a agilidade na caminhada, o cuidado para não esbarrar era maior. A consciência de trabalhar em grupo, flexibilidade e agilidade foram bem trabalhadas com essa atividade.

Em nossa conversa um dos meninos relatou o seu gosto pelo leão, segundo ele é um dos animais mais fortes e grandes, assim como ele gostaria de ser. A performance é uma ação do cotidiano que intervém na nossa vida, nos mostrando formas de ser e estar no mundo, a relação do menino com o animal criado pela sua imaginação em seu momento criativo, mostra bem esse papel da performance, com toda a sua vivacidade e experiência única.

Na brincadeira moldando o corpo do colega, observei a forma que os corpos se movimentavam, se encaixando nos contornos que eram passados pela dupla, o contato visual e contato tátil foram importantes nessa atividade, criando uma sintonia e ligação entre os colegas. Perceber o corpo do outro, o espaço que ocupa, suas particularidades, conhecendo e se descobrindo através do outro e de si.

### **Quarto encontro**

Atividades realizadas:

- Alongamento/alongamento facial.
- Trabalhar com os ressonadores através das vogais. Os alunos vão citando as vogais e, ao mesmo tempo, sentido as vibrações na cabeça, boca, pescoço, peito e barriga. Em duas etapas, aguda e, depois, grave, assim passando pelas vogais e ressonadores.
- Trabalhar com três tipos de vozes que são as seguintes: voz do guerreiro forte e grave, voz materna mais calma e, por último, a da criança com voz aguda.



– Escravos de Jó. Todos sentados em círculo no chão têm em suas mãos um pequeno objeto. Então é ensinada a música:

*Os escravos de Jó/ jogavam cachangá/ tira, bota, deixa o Zé Pereira ficar/ guerreiros com guerreiros/ fazem zigue, zigue zá. (bis).*

Durante a música o professor vai passando instruções de como manipular o objeto, nos diferentes trechos da música.

– História do Chapeuzinho Vermelho – Maternal

Nesta aula trabalhamos com a expressão vocal, começamos com um alongamento corporal e facial para prepararmos o corpo para as atividades. Através dos ressonadores, das vogais e dos tipos de voz (arquétipos: guerreiro, mãe e criança), trabalhamos e conhecemos melhor nosso aparelho vocal e suas capacidades e limites.

Todas as turmas conseguiram realizar as atividades, perceberam os tipos de voz, os ressonadores e as intensidades da voz cada um à sua maneira, porém, em duas turmas foi muito complicado trabalhar neste dia, eles estavam muito agitados e dispersos (turma prof.<sup>a</sup> Camila e Rose).

Com a maioria das turmas o Jogo Escravos de Jó não foi realizado, apenas trabalhamos com a música para percebermos a nossa voz e a dos colegas, somente com a turma da prof. Rose realizamos o jogo completo, embora o rendimento durante atividade tenha sido baixo, pois havia pouco envolvimento e interesse de alguns participantes.

Com a turma de maternal, me fantasiei de Chapeuzinho Vermelho e contei a história, todos ficaram atentos escutando, depois ensinei a música e fizemos uma caminhada pela floresta uns foram o Chapeuzinho e os demais o Lobo Mau, foi uma atividade criativa e de muita espontaneidade, onde o envolvimento foi total.

### **Quinto encontro**

Atividades realizadas:

– Relaxamento – Deitado os alunos ouvirão uma música calma, com a voz da professora de fundo, conduzindo eles a imaginar personagens que, mais tarde, poderão ser representados por eles.

- Palhaço;
- Princesa;
- Bruxa;
- Fada;
- Crianças;
- Velhinhos;
- Piratas.

– Alongamento corporal / facial

– Mala de fantasias – Nesta atividade os alunos irão escolher alguma fantasia e adereços para se caracterizarem. Em seguida farão uma interação com os demais colegas mostrando as características do seu personagem e, para concluir a atividade, uma roda de conversa sobre as impressões e percepções dessa atividade.

– Maternal – Atividade dança criativa: Cada um dos alunos vai escolher uma fantasia e adereços para se caracterizar e, ao som de músicas animadas, vão interagir uns com os outros junto de alguns balões.

Nesse encontro dominaram a imaginação e a criatividade. Com a criação dos personagens, através das vivências anteriores e dos figurinos, foram aparecendo frases, gestos e movimentos.

Ao se caracterizarem eles me falaram que eram personagens que gostavam ou, até mesmo, pessoas da família, como a mãe, a tia, a irmã. Agindo como se fossem determinados personagens.

Um menino não quis usar adereços e disse que ele era o próprio personagem que tinha seu jeito e gostava dele. A atitude me fez lembrar que a performance é isso mesmo: vivências do cotidiano compartilhadas em grupo, formas de ser e de estar no mundo.

### **Sexto encontro**

Atividades realizadas:

– Relaxamento: Deitados de olhos fechados os alunos ouvirão uma música calma e tentar ficar concentrados apenas na música.

– Alongamento Corporal/ facial

Improvisação de personagens com objetos – Cada aluno vai escolher uma fantasia/personagem e um objeto, com eles irão criar uma pequena história:

- ✓ Dizendo que personagem é?
- ✓ O que ele faz?
- ✓ E, por que escolheu aquele objeto para se caracterizar?

– Maternal – Atividade dança criativa com bambolês ou tecido. Cada um dos alunos vai escolher uma fantasia e adereços para se caracterizar, vão interagir uns com os outros junto de bambolês e ao som da música da Xuxa, ilariê. O professor vai fazer alguns gestos com o bambolê orientando está dança.

Nessa aula, trabalhamos com objetos e fantasias usando a criatividade, espontaneidade e imaginação. No momento do relaxamento percebi que eles ficaram mais calmos, se desligando do que estavam fazendo antes de entrarem para a sala e começarmos a conversar sobre o nosso encontro. Eles se mostraram interessados em criar uma história e/ou personagem, quando falei sobre o assunto logo já surgiram várias ideias de histórias, personagens e situações que eles já carregam em seus imaginários.

Então fomos pegar os figurinos e objetos na brinquedoteca da escola, a alegria e magia no momento de escolher o que cada um usaria era contagiante, uns ajudavam os outros na hora de decidir o que usar, e davam ideias de um personagem interagir com o outro.

Lembro-me de uma menina que colocou a roupa de princesa, e disse que adorava as princesas, pois elas eram bonitas, inteligentes e todos gostavam dela. Que vivia em um castelo muito grande, e tinha uma pessoa que penteava os cabelos dela, e disse que a fazia lembrar de sua mãe quando penteava seus cabelos. Além disso, transformava sapos em príncipes, pois com sua varinha de condão tinha muitos poderes.

Com a turma do maternal, fizemos uma dança com bambolês, passei alguns movimentos com as mãos, braços e pernas, tentando equilibrá-lo. Todos participaram da atividade, uns com maior envolvimento e felizes por conseguirem fazer os movimentos, vaidosos mostravam para os colegas e para mim. Lembro da frase “olha como eu consigo fazer igualzinho”, chamando a atenção da turma.

## Sétimo encontro

Atividades realizadas:

– Relaxamento: Deitados, de olhos fechados, os alunos ouvirão uma música calma, tentando ficar concentrados apenas na música.

– Alongamento Corporal/facial

Improvisação de cenas dramáticas – Cada aluno vai escolher uma fantasia/personagem e irá juntar-se com alguns colegas para criarem uma história/cena que, logo em seguida, será apresentada (interpretada) para os demais colegas.

– Maternal

– Relaxamento com música

– História coletiva – cada aluno vai escolher um objeto e falar algo sobre ele (ou incluí-lo na história) e, com professor, criar uma história.

✓ Que objeto é este?

✓ E porque o escolheu?

Nesta aula, trabalhamos com o princípio dos jogos dramáticos ou, como chamamos, o faz-de-contas. Ao propor uma dramatização eles pegaram os figurinos que usaram na aula anterior e começaram a pensar e criar diálogos soltos. Em seguida pedi para que tentassem interagir com os outros personagens, mas sem se preocuparem com uma apresentação. Simplesmente era para fazer.

Aos poucos eles começaram a interagir. Havia dois meninos que lutavam para conquistar um território. Um dizia que o outro tinha que perder a tal luta e, quando isto acontecesse, tinha que cair no chão, assim como nos desenhos e novelas, quando alguém perde.

A menina que se vestiu de princesa, começou a interagir com um menino que estava vestido de sapo, dizendo que ele seria o seu príncipe, que ela o transformaria, ele não gostou muito da ideia, olhava para mim e para ela e dizia que não queria, “ quero continuar sapo”. Virou as costas e foi interagir com um menino vestido de leão e uma menina com asas de borboleta. Emitia o som do sapo e pulava em meio aos outros personagens, a borboleta andava perto do

leão dizendo que ele a protegia, o leão andava mais lento e com aspecto bravo e fazia um som forte.

### **Oitavo encontro**

Atividades realizadas:

- Construção de Máscara com papel pardo.
- Interação com Máscaras – buscar a neutralidade dos gestos e expressões em cena.
- Maternal – confecção de máscaras em papel pardo e pintura.
- Música para desfile de máscaras.

Nesta aula fizemos um trabalho manual de desenho e recorte das máscaras, atividade que demandou quase todo o tempo da aula. Depois, cada um com sua máscara buscou interagir com os colegas, momento em que apareceram muitos sons de animais e falas dos personagens realizados em outras aulas.

Com a turma do maternal, foi feita a confecção das máscaras e depois elas foram coloridas e estilizadas pelos próprios alunos, logo em seguida eles desfilaram para que todos os colegas pudessem ver as máscaras uns dos outros.

Nesta atividade pude observar os gestos, e alguns traços da personalidade de cada. Uns um pouco mais tímidos caminhavam com o rosto levemente para baixo e mais rapidamente, outros mais extrovertidos andavam imponentes, esbanjando vaidade e alegria.